

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

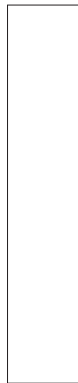
a Cidade sem Limites

São Lourenço como laboratório para um
pensamento crítico sobre o Território

Ana Chaves

M

2023



a cidade sem limites

São Lourenço como laboratório para um pensamento crítico
sobre o território

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura elaborada por
Ana Maria Oliveira Braga de Macedo Chaves

sob a orientação do Professor Doutor
Mário João Freitas Mesquita

pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
Porto, 2023

nota prévia

A presente dissertação segue o Novo Acordo Ortográfico.

As citações transcritas em português, referentes a edições em língua estrangeira, e presentes na seguinte prova, foram traduzidas de forma livre pela autora, a fim de estabelecer uma melhor continuidade no decorrer da leitura.

As imagens apresentadas foram dimensionadas, cortadas e tratadas, sempre que tal se justificou.

agradecimentos

Obrigada,

ao Professor Mário Mesquita, por embarcar comigo nesta aventura e descoberta, por me orientar e aconselhar; por comigo ter esperança na cidade, nesta rede de relações (in)visíveis, sem limites.

à minha mãe, por ser a maior força da natureza e ter a capacidade de transmitir toda a sua boa energia a todos os que a rodeiam;

ao meu pai, que sempre me mostrou que, cortando aqui, aparando ali, solda-se com paixão e entusiasmo, e tudo é possível;

aos meus irmãos, por me fazerem crescer e crescerem comigo todos os dias.

à avó Eduarda, pelo exemplo de força e determinação;

à avó Rita, pelos ensinamentos e aventuras às escondidas;

à tia Lili, pelas conversas almoço fora;

à avó Minda, pelos *almocinhos* de domingo;

a todas, por serem exemplares mulheres, que tenho a sorte de acompanhar e ouvir contar histórias.

ao Nuno, pelo(s) caminho(s) que, em conjunto, trilhamos.

à tia Rita, que, com tanta atenção, cuidado e animação, lê e ouve as minhas palavras, desde que me lembro.

à Marta, à Maria, por, comigo, construírem o melhor exemplo de amizade.

à Marie Francs, à Eva, pelas pessoas bonitas que são, pelo companheirismo e constante motivação.

à Stefani, ao Eduardo, os meus amigos mais antigos, que me acolhem sempre de braços abertos e que nunca deixam que o tempo se faça sentir passar por nós.

ao Pedro, ao Luís, por me mostrarem sempre que não há nada que nos impeça de ser felizes;
aos primos!

aos meus amigos do *em Comum*, Nuno, Franca, Bea e Rosendo, por, sem saber, terem dado início comigo a este processo de pensamento.

aos meus amigos d'*a linha é nossa*, Marta, João e Sara, por, há tantos anos, terem começado este percurso ao meu lado.

ao Nelson Tito, à senhora Esmeralda, da biblioteca de Carrazeda de Ansiães e ao Jorge, por toda a partilha e pela disponibilidade.

à Susete, por parecer estar sempre à nossa espera para nos desejar um bom dia, ou perguntar se está tudo bem.

a todos os que fizeram parte desta viagem de longo curso que foi a faculdade.

abstract

Taking into consideration my own experience over the past few years, in the aftermath of the Covid-19 pandemic, it is unthinkable to not be mindful of the **substantial changes** that have emerged in way of life, the relationships towards work and convenience, and how common and individual spaces are used by citizens. Aware of the changes and adaptations that have occurred, taking into account technological advances and developments in the digital field, the study of the transformation of a social construction in constant metamorphosis, where territory is as much geographic as it is urban and as it is human, becomes increasingly pressing for **contemporary society**.

Some years ago, during a walk along a part of the old Tua Railway, which is currently submerged, from landscape and nature, the small village of **São Lourenço** stood out, isolated and with an air of abandonment, and to this day has remained in my mind. This place appears, in this context, as a motivation to propose a **critical reflection** on what a new and current concept of appropriation of spaces could mean, going beyond the conventional idea that the city is limited only within its boundaries. We are going through times of change and reflection on how we live, (co)inhabit and behave and, evermore, we are faced with a city of variable geometry, expanding into urban territories, spread out like networks and systems, articulated by connecting nodes, strong central points, defined by their accessibility,

From the study of the village of São Lourenço and the premises that are associated with it, since it can be considered an example of a **territory** that is within an extension of the limits of what, until now, has been conventionally defined as a city, it is my intention to demonstrate, with this dissertation, that we no longer live in a circumscribed city, but rather in an extended city, possibly a global city – made of continuous materials but above all immaterial – based on networks and systems, many of which are invisible.

Currently, the city goes far beyond its borders, which remain merely to define administrative limits, which can be interpreted as artificial or fictional, since they are constantly invisibly crossed. As such, we begin to think critically about this new reality, where the idea of the city is questioned, which today goes way beyond its administrative borders and expands to wider territories, that we call here, *city without limits*.

key-words: city . territory . urban [being] . community . digital [world]

resumo

Considerando a minha própria experiência nos últimos anos, no rescaldo da última pandemia da Covid-19, é impensável não ter em mente as **alterações substanciais** que surgiram nos modos de vida, nas relações de trabalho e de convivência, e na forma como os espaços coletivo e individual são utilizados pelos cidadãos. Atenta às alterações e adaptações que se verificaram, tendo em conta o avançar da tecnologia e o desenvolvimento do campo do digital, torna-se cada vez mais premente para a **sociedade contemporânea** o estudo das transformações de uma construção social em constante metamorfose, o território – que tanto é geográfico, como urbano, como humano.

Há uns anos, no decorrer de uma caminhada por um troço da antiga Linha de Comboio do Tua, atualmente submersa, entre paisagem e natureza, destacou-se a pequena aldeia de **São Lourenço**, isolada e com um ar abandonado, que ficou na minha memória até aos dias de hoje. Este lugar surge, neste contexto, como motivação para propor uma **reflexão crítica** sobre o que pode significar um novo e atual conceito de apropriação dos espaços, ultrapassando a convencional ideia de que a cidade se circunscreve apenas dentro das suas delimitações. Passamos por tempos de transformação e reflexão sobre a forma como vivemos, (co)habitamos e nos comportamos e, cada vez mais, estamos perante uma *cidade* de geometria variável e expandida em territórios urbanizados, entendidos como redes e sistemas, articulados por nós de ligação, pontos fortes de centralidade, definidos pela sua acessibilidade.

A partir do estudo da aldeia de São Lourenço e das premissas que lhe estão associadas, uma vez que se pode considerar um exemplo de um **território** que se encontra enquadrado no que se pode denominar de extensão natural dos limites do que, até agora, se chama convencionalmente de cidade, é minha intenção demonstrar, com esta dissertação, que já não vivemos numa cidade circunscrita, mas sim numa cidade alargada, eventualmente numa cidade global – feita de contínuos materiais e, sobretudo, imateriais – baseada em redes e sistemas, muitos deles, invisíveis.

Atualmente, a cidade ultrapassa largamente as suas fronteiras, que permanecem apenas a definir limites meramente administrativos, que podem ser entendidos como artificiais ou fictícios, uma vez que são constantemente atravessados de forma invisível. Neste sentido, inicia-se um pensamento crítico sobre esta nova realidade, onde é questionada a ideia de cidade, que hoje em dia ultrapassa largamente as suas fronteiras administrativas e se expande para territórios alargados, no que aqui se denomina de ***cidade sem limites***.

palavras-chave: cidade . território . [ser] urbano . comunidade . [mundo] digital

sumário

agradecimentos

abstract

resumo

nota introdutória

11

pela Linha do Tua, a Aldeia de São Lourenço

15

porquê falar sobre cidade?

46

metamorfose e

disseminação

(dos limites) da cidade

(da Cidade da Antiguidade Clássica ao *Novo Urbano*)

51

a Cidade sem Limites

65

São Lourenço como laboratório para um pensamento crítico
sobre o Território

77

nota reflexiva

89

fontes de informação

índice e créditos de imagens



[1] São Lourenço, entre paisagem e natureza, destruição e desertão, urbano e rural, agosto de 2023.

'Aonde é que nós habitamos, hoje?'

questionam-se os mais perspicazes. Habitamos nas cidades? Não, habitamos em territórios. Onde termina uma cidade e começa outra? As fronteiras são meramente administrativas e artificiais, não têm qualquer sentido geográfico, simbólico ou político. Habitamos em territórios indefinidos, e as funções distribuem-se no seu seio, para além de qualquer lógica de programação, para lá de qualquer urbanística; localizam-se consoante os interesses especulativos, a pressão social, mas não segundo um desígnio urbanístico, que, mesmo nos grandes mestres da urbanística, provinha precisamente do facto de se poder racionar na base daquelas funções fundamentais. Mais do que desaparecidas, tais funções difundiram-se e disseminaram-se: a desindustrialização, o fim daquelas presenças produtivas com o seu carácter maciço, produziu não o desaparecimento da produção, mas o facto de ela já não estar concentrada em determinados espaços, mas por todo o lado, tendo-se disseminado.

nota introdutória

Trabalhar formas, relações e estratégias urbanas passou, a partir de determinada altura do meu percurso como estudante de arquitetura, a ter reflexo no meu método e processo de projetar, aliado à consideração do território, das comunidades que o habitam, ou podem vir a habitar, e ao tipo de sociabilidades que uma intervenção, por muito insignificante que possa parecer, pode gerar. A verdade é que 'a arquitetura tem uma estreita relação com a vida humana; portanto, tem muito a ver com o poder político e económico, com a vontade coletiva pelo social e o comum, com o público e a permanência no futuro.'¹

Quando neste trabalho se fala em *cidade sem limites*, não é com o objetivo de fazer permanecer ou validar a urbanização desmesurada que se produz hoje em dia, com falta de pensamento crítico, em que os limites são puramente técnicos e administrativos, onde já não se reconhece nem centro nem periferia. A ideia de *cidade sem limites* não pretende designar algo que seja exterior à cidade, mas sim 'uma cidade abrangente, integradora, que se estende sem limites ou diferenças de categoria, e que nos conduz a uma reflexão sobre a própria noção de cidade.'² Suscita mesmo a questão se, nos dias de hoje, ainda faz sentido falar sobre *cidade*? Mas **afinal o que é a cidade?**

Para falar sobre cidade torna-se importante ir à sua origem, à base da sua dinâmica. Se pensarmos na evolução da cidade ao longo da história, percebemos que é nos **momentos de rutura** que surgem novos modelos de cidade. E não vivemos nós num momento de rutura? Abrimos o jornal e é crise na educação, crise na habitação, crise na saúde, crise ecológica,... Na verdade, parece que vivemos em crise. Não quererá isto dizer que está na altura de reconsiderarmos, de forma significativa, o nosso estilo de vida? O que tem sido feito e pensado neste sentido?

De certa forma, a pandemia da Covid-19, foi impulsionadora para um novo estilo de vida, começámos a ter uma vontade quase de voltar a algumas raízes, mas com o máximo da atualidade. São Lourenço faz pôr em cima da mesa a velha dicotomia entre cidade-campo. Mas porque é que fazemos prevalecer a cidade? Porque é que fazemos prevalecer o campo? Não será esta dualidade uma necessidade constante que temos de nos lembrar no mundo em que vivemos? Porque é que temos a necessidade de colocar estes dois desígnios em dois extremos opostos, se precisamos de ambos para a nossa subsistência?

A evolução da cidade mostra-nos a eterna necessidade e co-relação entre estes dois pontos, o que não encontramos num, achamos que encontramos a solução no outro, e vice-versa. Não está na altura de encontrar uma forma de habitar um sem ter que destruir o outro? Eles existem em separado? Não, a cidade não vive sem o campo, o campo não vive sem a cidade. O campo não é natural, a cidade precisa da natureza. Na verdade, não habitamos em nenhum dos dois, habitamos o território, urbanizamos o território.

¹ Josep Maria Montaner e Zaida Muxí, *Arquitectura e Política: ensaios para mundos alternativos* (2014), p.15.

² Nuno Travasso, *Construir a Cidade Continuada: processos e imaginários, para um planeamento operativo a partir do Médio Ave* (Tese de Doutoramento em Arquitetura), p.439.

Cidade difusa, cidade infinita, cidade disseminada, cidade extensiva, cidade genérica, cidade continuada,... Vários são os termos que descrevem a realidade em que vivemos hoje, a urbanização extensiva. É assim que se caracteriza o modo de habitar nos nossos tempos. A realidade é que hoje em dia não há limites, estamos em todo o lado. As **redes de mobilidade**, que tanto são físicas, como virtuais, vieram alterar completamente a noção que temos de tempo e de espaço.

Parece que podemos estar em qualquer lugar, em qualquer hora, e até, em simultâneo, em mais do que um lugar. Quando a rapidez das redes de mobilidade virtuais não são suficientes, dispomos de redes de mobilidade físicas, um sistema infraestrutural muito complexo de estradas, que, a partir do uso do automóvel, ou das redes de transportes coletivos, também nos permitem chegar muito rápido a qualquer lugar.

Como é que se aborda a questão do desenvolvimento do território, em conjunto com o seu reordenamento, baseado em políticas que tenham em consideração questões, que são nacionais ou internacionais, que têm a ver com aqueles sítios específicos? Ora aí surge-nos o caso da aldeia de São Lourenço, que, de certa forma, desde a sua formação, acaba por ser um exemplo deste carácter de habitar transitório.

Uma vez que a aldeia de São Lourenço, apesar de se encontrar numa situação de abandono aparente, está relativamente perto de centros urbanos e continua a ser um local habitado por visitantes passageiros, de modo recreativo (para aceder ao rio e frequentar os banhos de águas quentes), como ponto de passagem de trilhos pelo vale e antigos caminhos romanos, mostra-se um território disponível para ser (re)povoado.

A forma como vivemos na atualidade, com o mundo digital fortemente integrado no nosso quotidiano, demonstra a possibilidade de voltarmos a habitar territórios como este. Lugares que podem parecer bastante isolados, hoje em dia, com o acesso a redes de mobilidade planeadas de forma coerente, deixam de o ser. Estamos cada vez mais próximos de todos os territórios, mesmo que essa proximidade não implique uma forma física.

Deste modo, a aldeia de São Lourenço torna-se o sítio ideal para testar a ideia de que, na atualidade, com os desenvolvimentos e conquistas técnicas e tecnológicas, que se refletem nos modos de assentamento no território, estamos, cada vez mais, perante a consagração da ideia de *cidade sem limites*.



[2] Leif Estrada, *Urbanization of Amazon*. *Urban Theory Lab Resarch*, Representação das redes de mobilidade aérea, 2014. [3] Leif Estrada, *Urbanization of Amazon*. *Urban Theory Lab Resarch*, Representação das redes de mobilidade digitais e virtuais, 2014.





[4] quando, por entre as curvas, se avista São Lourenço, julho de 2022



[5] descida do Pombal a São Lourenço, fevereiro de 2023

pela Linha do Tua, a aldeia de São Lourenço

No fim de uma eminência sumamente áspera e fragosa³, numa vertiginosa descida em direção ao rio Tua, praticamente suspensa na margem esquerda do Vale do Tua, e totalmente isolada de ruído, encontra-se a **aldeia de São Lourenço**. Um local que ficou na minha memória há uns anos, no decorrer de uma caminhada por um troço da antiga Linha de Comboio do Tua, atualmente submersa.

Da mesma maneira que somos capazes de criar e construir coisas inimagináveis somos capazes de abandoná-las. [...] Restos de destruição e de deserção. Foram os troncos desfeitos, foi a aldeia de São Lourenço completamente abandonada, foi a própria e simples imagem de um trator que me causou este transtorno.⁴

Compenetrados entre paisagem e natureza, conscientes de que seríamos das últimas pessoas a pisar aquele chão, depois de alguns quilómetros percorridos entre apeadeiros, fomos surpreendidos ao chegar a São Lourenço, apesar de alguns sinais de vivências recentes, o cenário era de abandono. Fiquei bastante impressionada por estarmos perante uma aldeia que parecia abandonada, mas que, no entanto, tinha um complexo balnear de águas termais, de construção bastante recente, com mangueiras pelo chão, o que nos dava sinais de permanência de pessoas.

Tivemos que seguir caminho, mas São Lourenço ficou sempre na minha memória. Um confronto com uma realidade que, até então, não estava presente. Que me fez ficar a pensar naquelas casas que foram ali abandonadas; que me fez ficar a pensar na decisão de destruir uma linha de comboio, uma rede de mobilidade; que me fez ficar com uma vontade de lá regressar, de tentar compreender.

aproximação ao local

A descida até à aldeia faz-nos entrar no ambiente, começar a sentir a tranquilidade que se avizinha, é como uma preparação para o que ali vamos encontrar.

Este lugar tem sede de freguesia em **Pombal**, de Ansiães, como é vulgarmente conhecido, a sensivelmente 450 metros, no cimo da montanha, e pertence ao concelho de Carrazeda de Ansiães, a cerca de 18 quilómetros de distância⁵, no planalto granítico. Conhece as suas fronteiras em elementos geográficos claros: o vale, as montanhas e o rio, com os seus limites territoriais confrontados a norte, com a freguesia de Pinhal do Norte; a sul, com as freguesias de Parambos e Castanheiro do Norte e Ribalonga, que confinam com o rio Douro; a este, com a de Amedo e Zedes; e a oeste, o limite é marcado pelo rio Tua, voltado para o concelho de Alijó, na outra margem.

³ Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, volume sétimo.

⁴ João Taveira, reflexão pós-percurso/caminhada (2016).

⁵ Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, volume sétimo.

A Terra Transmontana diferencia-se genericamente entre Terra Fria e Terra Quente. A Terra Fria, mais agreste e agricolamente pouco intensiva, corresponde essencialmente ao planalto de Carrazeda. A Terra Quente, mais densa e de povoamento mais disperso, com núcleos mais próximos e de alguma descontinuidade populacional, inclui toda a área envolvente aos rios Douro e Tua.⁶ Nesta região, o pão, o vinho e o azeite foram também, além de pilares da alimentação das populações locais, essenciais para o desenvolvimento económico, tendo sido o seu cultivo impulsionador do incremento populacional e de fortes transformações na paisagem, de modo a tornar possível a produtividade agrícola. Fazendo com que a construção da paisagem e do edificado tenham acompanhado, ao longo dos séculos, as necessidades da economia local.⁷

O **vale do Tua**, rasgado de norte a sul, insere-se na região de Trás-os-Montes e Alto Douro, na separação entre os distritos de Bragança e Vila Real, onde, entre planaltos e montanhas, corre o rio Tua, que é como a espinha dorsal deste território. Ao longo de uma extensão com cerca de 40km, o rio Tua tem início no concelho de Mirandela e segue atravessando também os conselhos de Vila Flor, Murça, Alijó e Carrazeda de Ansiães, onde acaba por desaguar no rio Douro, no lugar de Foz do Tua.

Trata-se de uma zona fraturante, marcada pela profunda diferença entre os vales de arribas encaixadas e as áreas planálticas marginais de Alijó e Carrazeda de Ansiães. Além do limite territorial e administrativo, o vale do Tua assume um claro limite físico e um obstáculo nas relações de larga escala entre o ocidente e o oriente de Trás-os-Montes. Funciona como uma barreira, uma vez que, ao contrário do rio Douro, que é uma autêntica estrada que liga o Porto ao interior do país, o rio Tua, que até 2017⁸ não era navegável, impedia a comunicação entre as suas duas margens, tanto que, antes da construção da ponte de Foz do Tua [1940] e Abreiro [1957], a passagem era apenas assegurada por barcas e pelos açudes das azenhas existentes nas margens.⁹

No passado, sendo ainda da minha lembrança, numa represa natural quase em frente à estação ferroviária, havia uma barcaça para servir sobretudo as populações da aldeia do Franzilhal, no concelho de Alijó, situada no cimo da íngreme encosta, na margem direita do rio. Vinham para as termas e para apanhar o comboio na Estação de S. Lourenço ou serviam-se desta travessia para ir à festa de Carrazeda. Mas, só praticamente no verão isso era possível, pois, com a corrente mais forte, a passagem tinha que ir fazer-se junto às estações ferroviárias de Brunheda, a montante, ou de Santa Luzia, a jusante.¹⁰

O troço final do vale do Tua, onde tem, ou tinha, início a linha do Tua, é caracterizado pela quase impercetível marca de povoamento humano. Apresenta-se como um vale profundo, de encostas fortemente declivosas, dominadas pelo granito, e já não pelo xisto. A natureza agreste passa a ter uma presença avassaladora, quebrada pela superfície estreita e horizontal da linha do caminho-de-ferro, apenas excecionalmente pontuada por zonas mais abertas.

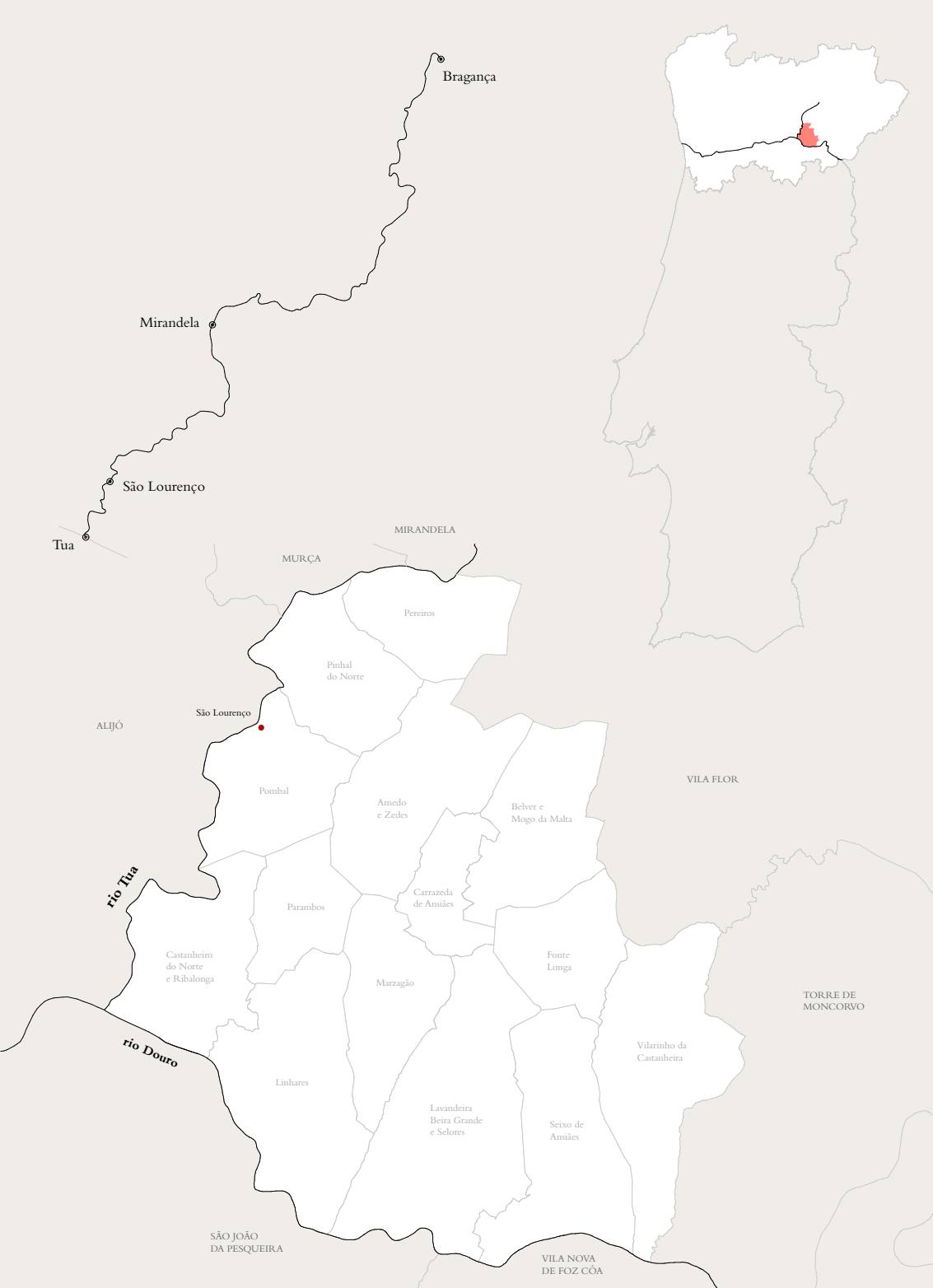
⁶ Orlando Ribeiro, *Portugal o mediterrâneo e o atlântico*, p.150.

⁷ *Estudo histórico e etnológico do Vale do Tua: aproveitamento hidroelétrico de Foz Tua* (2017), p.295.

⁸ Data de construção da barragem de Foz-Tua.

⁹ *Estudo histórico e etnológico do Vale do Tua*, p.234.

¹⁰ Fernando Augusto de Figueiredo, *Pombal de Ansiães: entre o Rio Tua e o Planalto* (2016), p.168.



[6] em cima, à esquerda, antiga Linha de Comboio do Tua; em cima, à direita, enquadramento de Carraceda de Ansiães em Portugal, na Zona Norte; em baixo, enquadramento territorial de São Lourenço no concelho de Carraceda de Ansiães.



[7] Vale do rio Tua, a partir de São Lourenço, a montante, agosto de 2023. [8] Vale do rio Tua, a partir de São Lourenço, a jusante, agosto de 2023.



A **transformação do território** é feita através da construção e do cultivo, o que implica duas escalas de humanização: a paisagem e o edificado. O cultivo transforma e modela a paisagem, adaptando-se às condicionantes geográficas e económicas, contrói o território de modo a torná-lo produtivo. Essa enorme construção é visível através de uma extensa rede caminhos, das estratégias de implantação dos povoados e, sobretudo, na larga escala da paisagem, das múltiplas alterações provocadas nas encostas, retalhadas por meio da construção de socalcos.

A estruturação deste vale, de relevo difícil, encostas íngremes e onde o rio corria encaixado a grande profundidade, não foi característica de um vale onde as aldeias se implantam nas imediações do curso de água. As abruptas e pedregosas encostas obrigaram a uma estratégia de implantação dos povoados a meia encosta e à cota alta, na transição para os planaltos confinantes. O que significa que os assentamentos populacionais no vale do tua, na sua maioria, não se implantam em grande proximidade com este curso de água. Apenas núcleos muito específicos, como é o caso do porto de Foz do Tua, ou dos povoados ligados à exploração termal, como são exemplo as caldas de São Lourenço e, mais acima, as caldas de Carlão, que se implantam à cota baixa.¹¹

O Vale do rio Tua é, também, um balneário termal comunitário; um paraíso onde chovem anjinhos, abençoados por São Lourenço, para que os humanos experimentem todas as emoções deste mundo e experimentem ainda, por antecipação, as emoções do outro. Do outro mundo.¹²

A maioria das povoações estão implantadas em pequenos outeiros ou zonas de transição de cota, têm melhor exposição solar e estão, na maioria dos casos, a uma diferença considerável de cota em relação ao rio. O rio Tua tem o seu curso a cotas que variam entre os 80 metros, como é o caso de Foz do Tua, e os 189 metros, onde se encontra a localidade de Abreiro. Muitas das aldeias estão implantadas em altitudes próximas ou superiores aos 200 metros, estando a maioria entre os 300 ou 400 metros, atingindo mesmo, em muitos casos, a cota de 500 metros.¹³

a formação

É neste contexto que é formada a aldeia de **São Lourenço**. A povoação estabelece-se em volta de uma nascente de águas termais que brotou em 1755, com o propósito de frequentarem as termas. O interesse em habitar este território por parte das classes abastadas da região, deu início à sua formação algo desordenada e pouco estruturada, de onde sobressai um edifício para banhos e casas construídas pelos proprietários. Assim, São Lourenço começou-se a desenvolver como uma pequena estância, com mais procura durante o verão, portanto, de utilização sazonal, composta maioritariamente por construções dos séculos XIX e início do século XX, cuja função é albergar as pessoas que até ali vão para realizar tratamentos de doenças de pele e reumatismo.

¹¹ *Estudo histórico e etnológico do Vale do Tua: aproveitamento hidroelétrico de Foz Tua* (2017), p.240

¹² Jorge Laiginhas, *Pare, Escute, Olhe* (2010), capítulo segundo.

¹³ *Estudo histórico e etnológico do Vale do Tua*, p.242

As habitações existentes, obedeciam, fundamentalmente, a dois tipos: um, composto por dez casas de familiares (hoje nove), que se destinavam predominantemente a acolher os seus proprietários e familiares ou os seus amigos, em tempo de banhos, de lazer e de caça; e outro tipo, que corresponde a seis construções, compostas por vários quartos e uma cozinha colectiva, para alugar a banhistas ou veraneantes, com recursos mais modestos, ou que abdicavam de algumas comodidades e privacidade.¹⁴

O rio Tua, que passava a cerca de 200 metros de São Lourenço, nunca teve muito aproveitamento pela parte da população, não apenas por se encontrar longe da sede de freguesia, mas sobretudo pelos difíceis acessos, pelas margens escarpadas e rochosas, e pela forte corrente e leito pedregoso que o seu curso registava. No entanto, apesar dessas dificuldades, a pesca animava alguns pescadores ocasionais e, durante a época estival, com o caudal do rio mais reduzido, o rio era usado de forma recreativa para banhos, sobretudo pelos jovens de Pombal.¹⁵

Em meados do século XIX Portugal podia ser descrito como um país em grande parte desconhecido para os próprios portugueses, e no qual era muito difícil a circulação de pessoas e mercadorias. O isolamento das populações do interior era acentuado por uma geomorfologia acidentada, particularmente no Norte do país.¹⁶

Com a chegada do comboio à freguesia, já nos finais do século XIX, abriram-se outras perspectivas, o início da construção da **Linha do Tua** teve lugar a 16 de Outubro de 1884, sob a responsabilidade da Companhia Nacional de Caminhos-de-Ferro. O primeiro troço, entre a povoação de Foz do Tua e Mirandela, numa extensão de cinquenta e quatro quilómetros, foi inaugurado a 29 de Setembro de 1887¹⁷. Esta obra facilitou bastante as relações com o exterior, o que acabou por ter repercussões importantes na economia local.

A estação de S. Lourenço, logo a seguir a Santa Luzia, construída entre o rio e as termas, num espaço talhado nas rochas da íngreme encosta, constituía em si mesma um exemplo típico do que foi a dura tarefa a que se entregaram centenas de trabalhadores. O apeadeiro inicial foi destruído, mas, no mesmo lugar, encontra-se hoje um outro edifício, com o mesmo propósito, embora, atualmente, permaneça em estado de degradação e sem qualquer utilização.

À semelhança das outras estações existentes no termo do concelho de Carrazeda de Ansiães, com a exceção da estação terminal de Foz-Tua, onde se faz a ligação com a linha do Douro, entre Porto e Barca d'Alva, a estação de São Lourenço fica afastada alguns quilómetros da povoação que se pretendia que servisse, o que, logo à partida, parecia representar um inconveniente. Ainda assim, num tempo em que as redes de estradas ainda eram bastante limitadas, a linha férrea apresentava-se como um importante serviço para as populações locais. Efetivamente, era um motor de circulação de pessoas, de mercadorias importadas, de expedição e receção de correio e permitia também a exportação de algumas produções locais, sobretudo de vinho, de azeite e de cortiça.¹⁸

¹⁴ Fernando Augusto de Figueiredo, *Pombal de Ansiães: entre o Rio Tua e o Planalto* (2016), p.24.

¹⁵ Figueiredo, *Pombal de Ansiães*, p.168.

¹⁶ Duarte Belo, *A Linha do Tua* (2013), p.43.

¹⁷ Figueiredo, *Pombal de Ansiães*, p.163.

¹⁸ Ibid., p.171-172.



[9] vista aérea da aldeia de São Lourenço, agosto de 2023.



[10] estação de São Lourenço, inserida entre o vale e o rio, julho de 2022.



[11] túnel das Presas talhado nas rochas da íngreme encosta, março de 2016.





[12] aldeia de São Lourenço vista por quem sobe desde o rio. [13] antigo caminho da linha de comboio a submergir no rio, novembro de 2022.



[15] aldeia de São Lourenço, vista para a paisagem, julho de 2022



[14] aldeia de São Lourenço vista à chegada, novembro de 2022.

Com exceção da estação de Foz-Tua, que servia a sede do concelho e uma série de freguesias entre as duas localidades, o que permitiu, mais tarde, um serviço de camionagem com a vila, a estação de São Lourenço tornou-se a mais movimentada do concelho, tanto a nível de pessoas como de mercadorias, mais notória ainda na época de funcionamento das termas. Em contrapartida, o comboio acaba por não resolver o problema de acessibilidade às localidades, visto que passa junto ao rio a uma cota muito inferior em relação à maioria das aldeias, ao mesmo tempo que continua a verificar-se a ausência de vias facilitadoras da ligação entre a cota alta e a cota baixa.

o início do declínio

Apesar do comboio trazer pessoas e mercadorias e auxiliar nas exportações, acaba também por ser um meio para a fuga dos habitantes locais, levando à desertificação do território. Uma vez que as pessoas passaram a deslocar-se mais, os interesses alargaram-se para além da freguesia, e a emigração e a migração aumentaram, incentivando assim a troca de correspondência. Durante décadas, o correio era levado e trazido ao comboio por uma senhora, que a pé, assegurava este serviço. A partir da década de 1980, a distribuição do correio da freguesia voltou de novo a ser feita a partir da sede do concelho, agora em transporte motorizado.

Desde os finais do século XIX até à década de 1940, antes da chegada do automóvel a Pombal, os passageiros e as mercadorias encontraram na linha férrea o meio mais eficaz e rápido de circular em praticamente todos os sentidos, excepto para a sede do concelho e outras povoações do planalto. Durante cerca de dois séculos, era a calçada de São Lourenço que servia as deslocações para as termas e para as propriedades em redor. A partir dos finais do século XIX, ainda serviu durante algum tempo para o transporte em carros de bois de pipas de vinho para a estação da CP, enquanto não foi construída a estrada municipal atual, mais a meio da encosta, com um declive menor.¹⁹

Nos princípios da década de 1960, este percurso foi transformado em **estrada municipal**, o que veio facilitar tais deslocações. Se por um lado estas melhorias trouxeram facilidades, por outro, também constituíram uma alternativa ao afluxo através do comboio que, claramente, se viu diminuir. Na década seguinte, assistiu-se a uma desvalorização do caminho-de-ferro e dos serviços por este prestados nesta linha, até então servida por comboios de mercadorias, ainda a vapor, e por automotoras para transportes de passageiros, que faziam o percurso desde Foz-Tua a Bragança, em cerca de três horas. Por sua vez também as termas se degradavam e as pessoas, sobretudo os mais jovens, procuravam outros destinos para repousar.²⁰

Para mim, o motivo principal para o abandono é porque antigamente usavam-se as termas não só para os tratamentos, mas por diversão. Agora, viraram para as praias.²¹

¹⁹ Fernando Augusto de Figueiredo, *Pombal de Ansiães: entre o Rio Tua e o Planalto* (2016), p.172-173.

²⁰ Figueiredo, *Pombal de Ansiães*, p.173.

²¹ Flora Teixeira, banhista em São Lourenço desde que se lembra de existir.

O predomínio das **estradas** traz consigo um estilo de vida específico baseado no isolamento dentro da bolha gerada pelo automóvel, fazendo com que tudo seja rapidamente acessível, medindo o tempo e o espaço em função dos deslocamentos em **veículo privado**. [...] Criou-se um mundo pensado para ser servido eficazmente através das entradas e saídas das estradas, conformou-se o urbano exclusivamente com base na sua vampirização, no seu uso, na sua acessibilidade por meio de pontes, túneis e nós viários.²²

Também no início da década de 1960, chegou a **energia elétrica** à freguesia. A iluminação noturna, e a adesão gradual à instalação nos domicílios e edifícios ligados a atividades agrícolas, modificaram profundamente os hábitos e geraram disponibilidades que muito facilitaram a vida destas comunidades. Com este evoluir, a comodidade e o nível de bem-estar, bem como o acesso à informação tornaram-se lentamente mais extensivos.²³

o abandono

O **despovoamento** em Portugal, especialmente no interior do país, é, há largos anos, uma preocupação séria e complexa. A (e)migração das pessoas que procuram *melhores* condições de vida e oportunidades de emprego é uma tendência global, mas os efeitos são particularmente pronunciados nas regiões mais isoladas. Um reflexo da falta de empregos, da escassez de serviços e da falta de infraestruturas e investimento nessas áreas, o que contribui para o envelhecimento da população, visto que os mais novos saem para procurar oportunidades nos grandes centros urbanos, provocando um forte impacto social e cultural na sociedade que habita esses territórios.

A povoação desta região sofre, como todas as do interior de Portugal, principalmente desde os finais da década de 1970, de uma forma progressiva, um despovoamento difícil de sustentar. Em São Lourenço, apenas esporadicamente ou por pouco tempo, alguém ali tem habitado de forma permanente, devido ao funcionamento sazonal das termas assim o ter determinado.²⁴

A imagem do conjunto de edifícios existentes em São Lourenço é de abandono e desleixo: não há um espaço urbano estruturado, não há nenhum sentido de espaço público conformado. Os antigos quartéis para alojamento dos banhistas, encontram-se em ruínas. Construções constituídas por compartimentos contíguos distribuídos longitudinalmente ao longo de uma varanda, pela qual se acede ao edifício. Existem ainda outros de alguma dimensão, alguns dos quais construídos em tabique, que aparentemente teriam tido as mesmas funções.

A questão da construção da **barragem** de Foz-Tua, que já se colocava pelo menos desde a década de 1960, acabou por tornar-se irreversível. Por isso, durante muitos anos, o debate andou à volta do tipo de albufeira a definir, de modo a permitir um contributo para a regularização do rio Douro, o aproveitamento de energia elétrica, e a preservação da linha férrea entre Foz-Tua e Mirandela. Ganhou força a construção de uma única albufeira, com uma cota de 170 metros, o

²² Josep Maria Montaner e Zaida Muxí, *Arquitetura e Política: ensaios para mundos alternativos* (2014), p.117.

²³ Fernando Augusto de Figueiredo, *Pombal de Ansiães* (2016), p.167-168.

²⁴ Figueiredo, *Pombal de Ansiães*, p.20-30.

que impediu a continuação da linha férrea, e levantou sérios receios acerca da manutenção intacta do lençol aquífero das águas termais em São Lourenço, um dos aspetos sobre o qual só os mais informados pareciam revelar grande preocupação.

No início de 2010, para apoio dos trabalhadores de prospeção geológica que certamente conduzirão à construção da Barragem de Foz Tua, foram removidos, logo após o túnel das Presas, cerca de mil metros de carris, para permitir a circulação de viaturas e máquinas. Um dos troços mais impressionantes do vale do Tua já assinalava o início de uma intervenção poderosa na paisagem. O vale irá transformar-se profundamente, e um troço da Linha do Tua ficará submerso.²⁵

A construção da barragem do Tua foi uma obra bastante polémica, uma vez que a sua albufeira obrigou ao encerramento dos primeiros 16KM da linha ferroviária do Tua, o que provocou o fim da ligação ao resto da rede ferroviária nacional, impedindo um futuro aproveitamento. Apesar de ter motivado alguns protestos de várias organizações ambientalistas e movimentos cívicos da região de Trás-os-Montes, a construção da barragem foi anunciada em 2007, as obras tiveram início em abril de 2011 e foram concluídas em 2017.

O projeto de construção de uma nova barragem nunca é um tema consensual e a barragem de Foz Tua não foi exceção. Apesar de serem sempre associadas a promessas de desenvolvimento regional, como é que estas se cumprem? Qual o impacto ambiental e local? Devemos olhar para as barragens – e esta em particular – como uma oportunidade ou um problema?²⁶

A discussão gerada à volta deste projeto, levou à construção do Parque Regional do Vale do Tua e à formação de um Centro Interpretativo, que tem como objetivo a preservação da memória do vale e ajudar na divulgação do património cultural desta região. O alagamento da albufeira, que inundou a antiga linha de comboio, levou também à criação de um Plano de Mobilidade do Tua, um plano multimodal que inclui mobilidade fluvial, ferroviária e rodoviária, de forma a tentar colmatar a quebra de ligação com o resto da rede ferroviária nacional.

Existe uma componente muito emocional. Para as populações locais, aquilo que elas vêem numa primeira abordagem é de facto um troço de rio que vai ser alterado. A sua relação com o rio vai mudar.²⁷

Apesar de toda a contestação relativa à construção da barragem, uma vez que já não há volta a dar, o importante é trabalhar com a nova realidade territorial que esta proporciona. O rio perdeu o seu carácter de águas bravas, mas hoje em dia pode funcionar como uma estrada que, de alguma forma, pode ajudar a resolver a perda da linha de comboio. A aldeia de São Lourenço encontra-se agora praticamente à margem do rio Tua. As suas águas termais continuam a brotar e os banhos continuam a funcionar.

²⁵ Duarte Belo, *A Linha do Tua* (2013), p.55.

²⁶ EDP Energias de Portugal. **Foz Tua: quando a relação com o rio muda**. último acesso em dezembro de 2023.

²⁷ Ana Paula Moreira, EDP Energias de Portugal. **Foz Tua: quando a relação com o rio muda**. último acesso em dezembro de 2023.

Questionar o porquê do abandono aparente de São Lourenço pode ter uma resposta evidente, e até em sintonia com uma forte problemática que vivemos nos dias de hoje. No fundo, é um território que foi construído e acabou por ficar ao abandono porque, de certa forma, surgiu e foi pensado para turistas. É um território que foi pensado apenas para ter uma ocupação sazonal, esporádica, constante no seu ritmo. É um território que não foi pensado para ter estrutura, ou seja, não é capaz de gerar fixação. É um território onde não se fez cidade, o que não permite formar comunidade.



No decorrer do trabalho de campo, estritamente necessário a um estudo como o presente, fui ouvindo várias pessoas que foram ocupando, de diversas formas, tempos e modos de permanência o lugar de São Lourenço. Penso que, neste momento da dissertação, pode haver espaço para alguns dos seus testemunhos, que, pela impressividade dos relatos, julgo ser importante revelar como notícia do imaterial, daquilo que não fica *escrito* nos muros, nos socacos e nas paredes das casas abandonadas.

testemunho de Flora Teixeira, banhista em São Lourenço desde que se lembra de existir

Desde que era gente, desde que me conheço, vinha todos os anos. Vínhamos para aqui uns quinze dias, para uma novena de banhos, para se poder passar bem o inverno.

Na época do fim das vindimas e durante o verão as casas estavam todas cheias. Duas ou três famílias do Pombal, durante o verão, mudavam para aqui a residência, eram os que tomavam conta.

Como tinha muita gente no balneário, punham-nos a nós, as crianças a guardar a vez.

Sempre houve um taberna, mas no meu tempo não havia mercearias, tínhamos que trazer tudo, até a panela para a sopa e os lençóis.

Para mim, o motivo principal para o abandono é porque antigamente usavam-se as termas não só para os tratamentos, mas por diversão. Agora, viraram para as praias.

testemunho de Jorge, único morador permanente da aldeia, apesar de se identificar como um nómada, habita o antigo salão de festas há cerca de 20 anos

Ó fidelidade,
Onde te perdi,

Em que lugar e tempo me esqueci de ti.
Ó fidelidade que estás por cima da razão,
da vontade, do desejo.
E moras no meio do amor.

Reina em mim que farei um carro voador com fogo
E no espírito do amor consciente,
Voarei.

Bom, este é um sítio esplêndido, maravilhoso.
A natureza é muito generosa cá.

testemunho de João Albino Malheiro, frequenta São Lourenço desde pequeno até abrir uma taberna na idade adulta

São lourenço é uma imagem
que se deve contemplar,
venham visitar as águas
para se poderem curar.

Muitas pessoas tem curado
seja pobre, seja rico,
ao fim se divertiam
indo para o bailarico.

Muita gente se divertia
assistindo a esses concertos,
chegam-se a formar três
para saírem dos apertos.

Muitas pessoas ficavam sufocadas,
mas dançavam tão bem,
dizia a malta nova:
apertadinhos é que se dança bem.

Vamos aos tempos antigos,
ainda é da minha lembrança,
ver todas as casas cheias,
no meu tempo de criança.

Andei no colo de muita gente,
vejam bem que alegria,
vou sair daqui para fora,
por já não ter companhia.

Tudo isto está velho,
velho que tristeza e solidão,
vão morrer todas as casas,
por falta de restauração.

Será que ainda irão recuperar
para saírem da solidão,
pensem bem em fazer,
para haver animação.

Vou sair daqui para fora,
por aqui já não fico,
fico com grande tristeza,
por já se não faz bailarico.

Vamos aos tempos remotos,
com grande satisfação,
lá vão correndo para o comboio,
para junto da estação.

Todas estas casas tinham empregadas,
todas elas frequentes,
também iam para a estação
à espera dos clientes.

Criaram-se casamentos
fossem pobres, fossem ricos,
tudo isto resultava
dos grandes bailaricos.

Tudo isto termina em outubro,
já não eram os primeiros,
rezando ao s.lourenço
infelicidade para os roubalheiros.

Criaram-se muitos amigos,
com grandes amizades,
vai um ver partir o comboio
para a fraguinha das saudades.

Perto da estação criaram um bar
onde gastaram muito dinheiro
mas tem estado fechado
por falta de cozinheiro.

Tanto tempo está fechado
que até já tem as portas arrombadas,
esperando pelo barco
para trazer as empregadas.

Esperamo-lo por este
mas que seja o primeiro,
que seja competente e que traga um
cozinheiro.

Eu me despeço do São Lourenço
com tristeza e com muito penar
vou partir para outra banda
onde há muito onde trabalhar!



[16] pela Linha do Tua, a barragem ao fundo, ainda em construção, março de 2016.



[17] nível da água antes da barragem esta em funcionamento, março de 2016.



[18] nível da água depois da barragem esta em funcionamento, agosto de 2023.



[19] vista para São Lourenço antes da barragem estar em funcionamento.



[20] vista para São Lourenço depois da barragem estar em funcionamento, julho de 2022.





[21] vista panorâmica a partir da outra margem do rio, agosto de 2023.



[22] vistas de São Lourenço, novembro de 2022.



[23] vistas de São Lourenço, fevereiro de 2023.



[24] vistas de São Lourenço, fevereiro de 2023.

metamorfose e disseminação (dos limites) da cidade



[25] Liliana Porter, *Forty Years II/B*, 1973.

Pensar hoje a cidade, as suas metamorfoses,
as suas manifestações exasperadas, como são as megalópoles,
os seus sinais mais eloquentes, que uns lêem como
decadência e outros como uma enorme vitalidade,
é um exercício que nos coloca num terreno que tem
abertura para todos os domínios da vida política,
social e cultural.



António Guerreiro, *Sob a condição da urbanização planetária*, ELECTRA, nº18 - Cidade, Campo, p.26.
[26] Interior de uma casa em São Lourenço, novembro de 2022.

porquê falar sobre cidade?

A reflexão sobre o tema da **cidade**, nos tempos de hoje, corresponde a pensar na aceleração do fenómeno urbano e na forma como a *cidade* se expande de forma ilimitada, a par de um esvaziamento a olhos vistos do *campo*. A **pandemia**, as possibilidades de **nomadismo digital** e a **gentrificação** fizeram com que o círculo urbano aumentasse ainda mais a sua dimensão. Estes acontecimentos e possibilidades recentes, 'reativaram a clássica dicotomia [entre cidade-campo], num tempo em que as alterações climáticas estão a provocar catástrofes ambientais que obrigam a repensar a cidade e o campo em conjunto [...]'²⁸.

[...] a oposição simplista entre cidade e campo foi há muito superada por uma cidade-mundo (e/ou metacidade) que é o produto de uma nova relação com as distâncias no tempo e no espaço [...] a contração do planeta através da velocidade e da telecomunicação é, na verdade, o desaparecimento virtual de toda a distância. De repente, Nova Iorque e Londres, Xangai e Los Angeles passam a pertencer à mesma área metropolitana, sem nenhuma extensão real de terreno entre si.²⁹

A[s] cidade[s] adquire[m], a cada dia que passa, um forte protagonismo, tanto na vida política, como económica, social, cultural e mediática, devido ao seu carácter de ação social complexa e multidimensional. Jean Rémy e Liliane Voyé definem o termo **cidade** como um conceito ambíguo, correspondente a dois conceitos em simultâneo, um **descritivo**, que permite detetar uma realidade material concreta; e um **interpretativo**, na medida em que evoca um conjunto de várias funções sociais que fazem da cidade algo bem diferente do que uma empresa ou do que uma escola, por exemplo.³⁰

De **forma descritiva**, o conceito de cidade organiza-se à volta de vários elementos. Inicialmente, evoca a densidade do habitat e uma dominância do construído sobre o não-construído; 'um espaço no qual a natureza se pode mais ou menos inscrever, mas que, em todo o caso, ela não estrutura.'³¹ De uma perspetiva morfológica, a cidade não é o lugar de exercício de uma função específica, mas sim o lugar que põe várias funções em inter-relação, através da relação com o espaço. Por outro lado, de **forma interpretativa**, a cidade pode ser definida como uma apropriação do espaço relacionado com uma dinâmica coletiva. É 'uma unidade territorial social que, por convergência de produtos e de informações, desempenha um papel privilegiado nas trocas – materiais ou não –, em todas as atividades de direção e de gestão e no processo de inovação.'³² É o lugar onde grupos distintos de pessoas encontram em si, mediante a partilha de um mesmo território, múltiplas possibilidades de trocas e modos de coexistência.

²⁸ António Guerreiro, *Sob a condição da urbanização planetária*, ELECTRA: Cidade, Campo, nº18 (2022) p.26.

²⁹ Pedro Ignacio Alonso, *A metacidade*, ELECTRA: Cidade, Campo, nº18 (2022) p.35-37.

³⁰ Jean Rémy e Liliane Voyé, *A cidade: Rumo a uma nova definição?* (1994 – 1ª pub.1992), p.13.

³¹ Rémy e Voyé, *A cidade: Rumo a uma nova definição?*, p.14.

³² Ibid., p.14.

O lugar que estrutura, coordena e organiza os vários campos de atividade da **cidade** é o **centro**, o que implica que a cidade só faça sentido através das relações de controlo e orientação com o exterior. A cidade assenta a sua existência em 'serviços' não económicos que presta ao campo. O campo, em troca, assegura possibilidades de subsistência à cidade. Por outro lado, a cidade desempenha um papel motor direto na atividade económica, ao pôr em funcionamento meios que permitam a capacidade produtiva do campo, ou ao organizar trocas a longa distância e automatizar-se do seu meio ambiente imediato. Em ambos os casos, a cidade é definida por ter uma função dominante ao nível do sistema social, uma vez que domina a estruturação dos 'campos de atividade' e das suas inter-relações.

A cidade é também um lugar de formalização, uma fonte de força para ela e para o seu meio ambiente. Na verdade, a cidade apresenta amplas homologias com a aldeia, mas, dada a sua função, vai dar a esses traços comuns um significado diferente.³³

A cidade foi um fator de emancipação para a humanidade, mas hoje há uma aglomeração urbana em todos os continentes com inúmeras cidades com 10, 15, 20 milhões de pessoas. Assim, a cidade deixa de ser um símbolo de libertação e torna-se uma nova tirania. Então, o problema será abordar a questão da regulação das cidades e encontrar um equilíbrio entre a cidade e o campo.³⁴

A linguagem corrente facilmente estabelece uma oposição entre **cidade** e **campo**, uma dicotomia que parece permanecer apenas com o seu valor expressivo e simbólico, uma vez que já não tem o sentido de antigamente. Esta dicotomia, resulta na composição do espaço social em oposição ao espaço territorial. Apoia-se na oposição entre interior e exterior, onde é exigida uma regulação das trocas que ocorrem entre estes dois pólos. É um ideal que se mantém no nosso imaginário, mas que, de forma geral, já não corresponde à verdade do seu sentido original, 'o campo está cada vez mais semelhante à cidade ou, pelo menos, acolhe cada vez mais modos de trabalho e estilos de vida urbanos'³⁵. No entanto, continua a ser um instrumento conceptual necessário para compreender os caminhos que estamos a seguir, especialmente ao ter em consideração o campo como laboratório onde se observa a evolução das ameaças climático-ecológicas que enfrentamos na atualidade. Tal como a cidade, também o **campo** supõe uma dupla definição. Habitar o **campo** não significa necessariamente trabalhar na agricultura.

A **cidade**, enquanto construção coletiva, revela-se hoje desumanizada por soluções genéricas, diluída da sua forma e identidade. Substituída a ideia de comunidade, e subtraída a habitação coletiva, os equipamentos socioculturais, o ensino e a saúde pública, o vazio do espaço público é hoje o resultado de uma economia especulativa.³⁶

³³ Jean Rémy e Liliane Voyé, *A cidade: Rumo a uma nova definição?* (1994 - 1ª pub. 1992), p.38-43.

³⁴ Dominique Wolton, **Novos Nómadas**. 2077 - 10 Segundos Para o Futuro (RTP, 2017).

³⁵ António Guerreiro, *Sob a condição da urbanização planetária*, ELECTRA: Cidade, Campo, n°18 (2022) p.27.

³⁶ Atelier Peninsular, *A cidade sem qualidades*, Jornal Arquitectos: Pandemia, n°269 (2020), p.14.

A cidade e as serras, de Eça de Queirós, mostra-nos, aos olhos dos personagens Jacinto e José Fernandes, uma relação entre cidade e campo que transita entre três fases: inicialmente, a cidade sobrepõe-se ao campo, para Jacinto a cidade exerce um forte carácter funcional, como se fosse uma máquina – funciona à disposição dos seus habitantes, a partir de uma ideia claramente racional e mecanicista³⁷; entretanto, cansado da vida citadina atribulada, Jacinto regressa à aldeia de Tormes, onde tem propriedades da família para cuidar – passa a ter uma vida simples no campo, apenas na companhia da natureza, visto que as suas malas, com todos os vestígios de civilização que trazia consigo, ficaram pelo caminho, o que estimulou Jacinto a ter um estilo de vida simples, em que a vida no campo se sobrepôs a tudo o que a cidade antes tinha de bom; no final da história, Jacinto, depois de passar a euforia inicial em relação aos encantos da serra e admiração romântica pela natureza, vai encontrando problemas que precisam de ação e não de contemplação – procura conciliar e equilibrar os benefícios da cidade com o ambiente do campo, há uma busca pela articulação destes dois mundos, que, de certa forma, é como pode ser entendido o processo de urbanização.

Pela sua amplitude e duração, a **pandemia** da Covid-19 corresponde a um período de crise, talvez até se possa arriscar assumir como um momento de rutura. Um tempo que forçou, de uma forma muito rápida, a muitas alterações na nossa maneira de viver, motivadas pelo confinamento obrigatório que as circunstâncias sanitárias obrigaram. O nosso futuro urbano depende, também, de forma significativa, das lições que retiramos destes momentos de grande instabilidade. Houve um grande movimento de pessoas da cidade para o campo, para o interior menos densificado e menos propenso à infeção, que foi viável devido à possibilidade de trabalhar de remotamente. O que provocou o questionamento sobre a pertinência de viver nas cidades, o que faz reequacionar a importância de uma **descentralização**.

A pandemia surge como o grande catalisador para a mudança de atitudes e políticas de ordenamento do território e (re)organização das cidades. O arquiteto tem aqui, portanto, um papel principal como ator fundamental no desenho da cidade e do território e de formador das novas gerações para uma mentalidade responsável e atentar à importância do espaço construído e não construído. A formação para a arquitetura atenta às novas realidades e necessidades é da maior importância e relevância.³⁸

No fundo, a pandemia veio expor alguns problemas que já eram uma emergência, veio mostrar que as cidades e os territórios não estão suficientemente preparados e planeados. Surge uma vontade de voltar a uma espécie de tempo anterior, com cidades e vilas com menos carros, mais habitantes a darem valor à proximidade e à solidariedade. Um tempo novo de conhecimento e esperança que conduz a uma ambição de alterar os modos de vida em coletivo.

A **tecnologia** desempenha neste novo paradigma um papel fundamental, uma vez que proporciona a capacidade de trabalhar de forma remota, a partilha de recursos digitais e a multiplicação dos usos de um mesmo espaço, elementos fundamentais para tornar as comunidades mais autónomas e flexíveis.

³⁷ este personagem morava no centro de Paris, nos Campos Elísios, na época da reforma de Haussman.

³⁸ Hugo Merino Ferraz, *A cidade digital*, Jornal Arquitectos: Pandemia, n.º269 (2020), p.26.

Para repensar a forma como vivemos e trabalhamos, torna-se indispensável valorizar a proximidade e procurar soluções locais para as necessidades básicas do quotidiano. O que não promove apenas a independência em relação a choques externos, mas também fortalece os laços comunitários e a resiliência local. A grande questão é: somos capazes de ver estas ideias refletidas na nossa própria vida, ou na comunidade em que habitamos? Talvez tenhamos medo de arriscar novas formas de viver.

Passámos do benefício da cidade compacta favorecendo as relações de proximidade para os problemas da sua sobreocupação pela cidade turística e automóvel, acentuando em simultâneo a extensão periférica cada vez mais desagregada, vulnerável, predadora e insegura.³⁹

O **trabalho remoto** permite-nos viver fora das grandes cidades com as mesmas oportunidades profissionais e ainda com outros benefícios, como a flexibilidade do espaço ou a expansão do espaço exterior. Permite-nos revitalizar áreas despovoadas e desenvolver a rede de transportes, gerar novos postos de trabalho e revigorar o comércio local, diminuindo a densidade dos grandes centros urbanos. As soluções vão aparecendo de forma gradual e intencional para corresponder à necessidades da nova realidade. Claro que isto implica a formulação de novas políticas e regulamentos para que se possa garantir a qualidade de vida dos habitantes.

Deste modo, a pandemia trouxe a oportunidade de repensar o modelo de cidade e território, considerando questões como densidade, acessibilidade, proximidade e bem-estar. É necessário procurar um equilíbrio entre os programas efêmeros exigidos pela velocidade contemporânea e a qualidade do meio físico. Fala-se sobre cidade devido ao facto de não poder ser considerada apenas como um espaço físico, mas sim como um organismo complexo, onde múltiplas facetas interagem de forma dinâmica, um lugar que desafia as fronteiras disciplinares entre a cidade, o urbano com o campo, o rural e que reconhece o hibridismo cultural contemporâneo que a cidade exhibe. O que nos pode fazer questionar: será que continua a fazer sentido falar sobre *cidade*?

³⁹ Manuel Lapão, *Reecontro: um passo atrás, dois em frente*, Jornal Arquitectos: Pandemia, n.º269 (2020), p.53.



[27] Christo e Jeanne Claude, *The Umbrellas*, Japan-USA, 1984-1991.

A cidade enquanto tal não existe. Existem diferentes e distintas formas de vida urbana. Não é por acaso que o termo cidade pode ser dito de diferentes maneiras.



da cidade da antiguidade clássica ao *novo urbano*

'Ao longo da nossa evolução tivemos que alterar e adequar o espaço em que vivemos de forma a melhor nos adaptarmos às nossas necessidades. Esta intervenção é feita em diferentes escalas dando origem às alterações do território, da cidade, do edificado e dos objetos.'⁴⁰ Para falar sobre cidade torna-se essencial ir à sua origem, à base da sua dinâmica. É difícil refletir sobre a cidade de amanhã sem conhecer minimamente o seu presente e o seu passado.

[...] estamos especialmente ligados aos lugares mais antigos e temos frequentemente a sensação de que estes apresentam uma maior urbanidade do que aqueles que a sociedade atualmente produz. Com efeito, inquietam-nos as formas com que tomam as cidades e todo o tipo de riscos sociais e ambientais que elas parecem gerar.⁴¹

As **cidades surgem** a partir do momento em que as **civilizações** se desenvolvem e se concentram num lugar, regularizam rios e vales para produção, fabricam e utilizam utensílios e passam a constituir centros de intercâmbio cultural e comercial. Desde a sua formação que obedecem a princípios espontâneos de planificação e composição urbana. O que nos faz olhar para as cidades como agrupamentos de populações que não produzem os seus próprios meios de subsistência alimentar, portanto, a sua existência supõe uma divisão técnica, social e espacial da produção, o que implica trocas de diversas naturezas entre aqueles que produzem os bens de subsistência e aqueles que produzem os bens manufacturados. Assim, a dinâmica da **urbanização** está ligada ao potencial de interações que as cidades oferecem, à sua *urbanidade*⁴², ao poder que gera o agrupamento de grandes quantidades de população num mesmo lugar.

As formas das cidades, quer tenham sido pensadas de raiz, quer sejam o resultado mais ou menos espontâneo de diversas dinâmicas, cristalizam e refletem as lógicas das sociedades que acolhem.⁴³

Concebemos a cidade como lugar para onde as pessoas confluem ao aceitarem e obedecerem a uma lei, como nos influenciou a ideia de cidade romana, a *civitas*.⁴⁴ No entanto, esta posição levanta um grande problema do ponto de vista das modalidades do habitar, é como se trouxéssemos em nós a nostalgia da *pólis*, da **cidade-lugar para morar**, a ideia de cidade que tem dimensões humanas, um território bem definido e delimitado que permite trocas sociais ricas e participadas.⁴⁵

⁴⁰ Alexandre Burmester, *Arquitetura e Pandemias*, Jornal Arquitectos: Pandemia, nº269 (2020), p.8.

⁴¹ François Ascher, *Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos: um léxico* (2010), p.19.

⁴² Ascher, *Novos Princípios do Urbanismo*, p.21.

⁴³ *Ibid.*, p.22

⁴⁴ Massimo Cacciari, *A cidade* (2010 - 1ª pub. 2004), p.24.

⁴⁵ Cacciari, *A cidade*, p.24–25.

Há uma contradição na forma como as pessoas percebem e integram a **cidade**: por um lado, é concebida como **lugar de encontro** e de reconhecimento como comunidade, um **lugar para morar**; por outro lado, a cidade é cada vez mais considerada como uma **máquina**, uma função, um instrumento que nos permite, com o mínimo impedimento, fazer os nossos negócios. Esta dualidade é característica da própria história da cidade, quando ela desilude em demasia e se torna unicamente negócio é então que começa a fuga da cidade. Pelo contrário, quando a cidade assume realmente as características da *ágora*, do lugar de encontro, rica do ponto de vista simbólico, e comunicativo, imediatamente nos apressamos a destruir este tipo de lugar, uma vez que contrasta com a funcionalidade da cidade como meio, como máquina.⁴⁶

O crescimento das cidades esteve sempre relacionado com o desenvolvimento dos meios de transporte e de armazenamento dos bens necessários para abastecer quantidades populacionais cada vez maiores.⁴⁷ A história das cidades foi assim desenvolvida em paralelo com a história das pessoas [P], das informações [I], das técnicas de transporte e armazenamento de bens [B] e da energia [E], um **sistema de mobilidade** que está no centro das dinâmicas urbanas, o **sistema PIBE**.⁴⁸

O que nos faz entender que a palavra **cidade** carrega em si um imaginário bastante complexo, visto que não tem apenas um sentido relativo à construção. Se pensarmos nas palavras que são usadas quando se fala em cidade, pensamos na *urb*, que tem origem no urbanismo ou na urbanística; na *civitas*, que surge da ideia de cidade, de cidadania ou de civilização; ou na *polis*, que vem de política. Portanto, quando se fala de cidade, muitas vezes não há uma plena certeza se se fala das pessoas, da forma como uma sociedade se organiza; se é relativo aos edifícios e àquilo que funciona dentro deles; ou se se trata de governação social. Tudo isto funciona em conjunto, e é por isso que a palavra cidade acaba por carregar uma infinidade de sentidos, de significados.⁴⁹

Tal como nos escreveu Fernando Távora n'*a lição das constantes*, em qualquer momento ou lugar onde se encontra o homem, o fenómeno da arquitetura e do urbanismo é universal. Um fenómeno com três aspetos em comum, três constantes: 'a sua modernidade permanente, o esforço de colaboração que ele sempre traduziu, a sua importância como elemento condicionante da vida do homem'.⁵⁰

Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores e vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu *mundo*, transformando-o no *nosso* mundo. É ser, ao mesmo tempo, revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiência e aventura, aterrorizado pelo abismo niilista a que tantas das aventuras modernas conduzem, na expectativa de criar e conservar algo real, mesmo quando tudo em volta se desfaz.⁵¹

⁴⁶ Massimo Cacciari, *A cidade* (2010 - 1ª pub. 2004), p.25-26.

⁴⁷ François Ascher, *Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos: um léxico* (2010), p.21.

⁴⁸ Ascher, *Novos Princípios do Urbanismo*, p.22.

⁴⁹ Álvaro Domingues, *A Cidade de Portas* (RTP, 2020).

⁵⁰ Fernando Távora, Escrito para *Luslada*, *Revista Ilustrada de Cultura*, volume 1, número 2, em Novembro 1952.

⁵¹ Marshall Berman, *Tudo o que é Sólido se Dissolve no Ar* (1989 - 1ª pub.1982), p.13.

O turbilhão da **vida moderna** tem sido alimentado por muitas fontes relacionadas com grandes **descobertas nas ciências** físicas; com a **industrialização** da produção, que transformou o conhecimento científico em tecnologia, acelerou o ritmo de vida e gerou novas formas de poder; com a grande **explosão demográfica**, que encaminhou milhões de pessoas em direção a novas vidas; com o rápido e muitas vezes catastrófico **crescimento urbano**; com os **sistemas de comunicação** de massa; com os **Estados Sociais** cada vez mais poderosos; e com os **movimentos sociais** de massas de nações, que desafiam os seus governantes políticos ou económicos e lutam por obter algum controle sobre as suas vidas. No século XX, todos estes processos sociais são chamados de **modernização**.⁵²

Somos sujeitos de desejo. Somos máquinas de prazer. E o prazer tem sido uma das grandes forças motivadoras da evolução humana. Nós ansiamos, aspiramos, sonhamos. Somos... nós, humanos, o animal inteligente, como lhe chama Nietzsche. A modernidade tem sido um sonho de perfeição e progresso através da ciência e da tecnologia.⁵³

Com o intuito de fazer compreender *as evoluções de longa duração na sociedade moderna*⁵⁴, François Ascher fala sobre o processo de **modernização** como o resultado da interseção entre três dinâmicas socioantropológicas, cujas marcas encontramos em diversas sociedades: a **individualização**, a **racionalização** e a **diferenciação social**. Ascher divide a revolução urbana em três modernidades, a primeira, que desperta novas conceções, que qualifica como paleourbanismo, e as primeiras utopias; a segunda, que produziu modelos e deu nome ao urbanismo; e a terceira, que começa a fazer emergir novas atitudes em relação ao futuro, novos projetos, modos diferentes de pensamento e de ação: a que classifica de neo-urbanismo, ou de *novo urbanismo*.⁵⁵

a cidade do renascimento

A **primeira fase** da modernização abrange o período da civilização moderna, desde o fim da Idade Média ao início da Revolução Industrial. Depois da **peste** negra, que, em 1350, dizima $\frac{3}{4}$ da população europeia. A partir do século XV, a redescoberta e o estudo da cultura clássica e das ciências exatas conduz ao planeamento da cidade, assente no domínio da geometria e da perspetiva. Este contexto tem início na época do **renascimento**, em Itália, onde são inúmeros os teóricos da *cidade ideal*. O **urbanismo** torna-se uma essência associada à qualidade e organização física da cidade e alarga-se, nos séculos XVI e XVII, a toda a Europa. Um tempo em que se assiste à transformação do pensamento e do lugar da religião na sociedade, à emancipação da política e ao nascimento do Estado-Nação⁵⁶, ao desenvolvimento das ciências e à expressão progressiva do capitalismo mercantil e, depois, do industrial.

⁵² Marshall Berman, *Tudo o que é Sólido se Dissolve no Ar* (1989 – 1ª pub.1982), p.16.

⁵³ Rosi Brasidotti, *Uma sede insaciável*, 2077 – 10 Segundos Para o Futuro (RTP, 2017).

⁵⁴ François Ascher, *Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos: um léxico* (2010).

⁵⁵ Ascher, *Novos Princípios do Urbanismo*, p.60.

⁵⁶ Um estado-nação é uma área histórica que pode ser identificada como possuidora de uma política legitimada, que, pelos próprios meios, constitui um governo soberano. Enquanto um estado pode ser definido como uma entidade política e geopolítica, já nação é uma unidade étnica e cultural.

A cidade medieval dá lugar a um cidade *clássica*, na qual o poder do Estado entra em cena de forma monumental e se oferece através da perspectiva ao olhar do indivíduo, traça avenidas, praças e jardins urbanos que acabam com as ruelas, vielas e hortas, afasta e transforma as muralhas, redefine e separa o público e o privado, os espaços interiores e exteriores, define funções, inventa os passeios e as fachadas.⁵⁷

Ou seja, em oposição à cidade medieval, em que o espaço público é uma resultante da ocupação orgânica edificada, a estrutura da cidade renascentista é pré-estabelecida pela envolvente fortificada (muralhas, torres, portas), traçado do espaço público (ortogonal ou radiocêntrico), localização e conceção das praças e monumentos e edificações de referência (mercado, igreja, edifício público). O desenho é geométrico e rigoroso, na procura de uma harmonia centrada no homem. A organização da cidade torna-se mais racional na procura de soluções claras para os problemas criados por uma profunda alteração social e económica. A cidade da renascença adota uma dimensão global bem delimitada. Referenciada pela **escala humana** das suas praças e edifícios, toma o observador como centro e a paisagem, a natureza, como fundo infinito.⁵⁸

O homem está no centro de um mundo ilimitado e a cidade ocorre em qualquer lugar da natureza. Progressivamente, a cidade rompe com os seus limites e confunde-se com a paisagem envolvente na construção dos ambientes urbanos como composições cenográficas.⁵⁹

É por ser concebida de forma racional, para diferentes tipos de pessoas, que a cidade do renascimento é moderna. Traduz a instauração do Estado-Nação, a ampliação do território, a mobilização de ciências e técnicas novas e a autonomia dos cidadãos.⁶⁰

da revolução industrial à cidade moderna

A **segunda fase** da modernização corresponde à altura da **revolução industrial**, que teve início na segunda metade do século XVIII e foi acompanhada pela **revolução do conceito de cidade**, submetida a um rápido crescimento e expansão, a novas exigências de utilização e mobilidade, a um agravamento das condições sanitárias e ao aparecimento e concentração de novas classes sociais. Assiste-se a uma reviravolta em boa parte da produção de bens e de serviços no sentido da sua independência e lógicas capitalistas; o pensamento técnico passa a ocupar um lugar central na sociedade e constituem-se os Estados-Providência.⁶¹

Neste contexto, a *segunda revolução urbana moderna*⁶² começou com a **revolução agrícola** (que aumentou a produção alimentar, mas expulsou do campo grandes quantidades de agricultores) e com o desenvolvimento simultâneo do **capitalismo industrial**. Este duplo processo provocou um crescimento exponencial de população nas cidades, o que gerou o empobrecimento de uma

⁵⁷ François Ascher, *Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos: um léxico* (2010), p.26.

⁵⁸ Luís Vassalo Rosa, *Cidades, comunidades e invenções do futuro. Realidades e utopias* (2021), p.64.

⁵⁹ Miguel Ângelo, Le Nôtre, em Luís Vassalo Rosa, *Cidades, comunidades e invenções do futuro*, p.65.

⁶⁰ Ascher, *Novos Princípios do Urbanismo*, p.27.

⁶¹ Ibid., p.25.

⁶² Ibid., p.27

parte da população urbana, devido à falta de espaço para albergar, com boas condições, estes recém-chegados habitantes. Uma vez mais, emergem novas concepções de cidade, marcadas fundamentalmente pelas mesmas lógicas que as que regiam o mundo industrial que se tinha tornado dominante. Com a concretização da revolução burguesa, com o articulado do Código Civil de Napoleão e com a instituição da propriedade como referência da liberdade individual, surgem novas **teorias económicas e sociais** e o solo acaba por se tornar um produto transacionável gerador de mais valias e é transformado em mercadoria e capital, o que provoca uma dissolução nos laços e valores comunitários.

Na **cidade da revolução industrial**, a mobilidade das pessoas, das informações e dos bens ganha igualmente um novo lugar, mais importante. A primeira necessidade é adaptar as cidades às exigências da produção, do consumo e das trocas mercantis, o que requer uma malha de grandes vias de comunicação que consigam servir as estações e os grandes armazéns e toda uma série de redes de águas, de esgotos, de energia e de informação.⁶³

A implantação do caminho de ferro e das fábricas, o fracionamento da propriedade, a migração populacional e a massificação das construções têm impacto direto sobre a comunidade e o funcionamento e organização da cidade. O papel dos transportes públicos foi fundamental para a expansão dos territórios urbanos e a sua recomposição numa escala alargada. O desenvolvimento do Estado-Providência⁶⁴ e de variados serviços públicos também contribui para estruturar as cidades em redes de linhas de transportes coletivos, de escolas, de hospitais, banhos públicos, estações de correios, equipamentos desportivos, ou seja, todos os elementos fundamentais para a *máquina* funcionar.

Tudo isto leva ao aparecimento de **novas utopias**, que vão ao encontro da justiça social, da justa redistribuição dos benefícios e, conseqüentemente, da reorganização da sociedade. A **expansão urbana** orienta-se para o desenvolvimento do caminho de ferro e da sua área de influência, paragens e estações. Ao crescimento espontâneo, desordenado, contrapõe-se um ordenamento por zonas e funções urbanas ao serviço dos modelos de desenvolvimento utilitário e económico. A cidade torna-se um investimento produtivo na transformação do uso do solo em função da acessibilidade aos locais de produção. A ideia de centralidade é transferida para os locais onde se concentram os investimentos associados à produção e gestão do capital. No fundo, a cidade torna-se um produto industrial e a composição urbana subordina-se ao traçado racionalizado pela rentabilização do solo, mobilidade e funcionalidade.

O **urbanismo** ganha autonomia técnica, assume-se prioritariamente como um instrumento racional mediador dos interesses público e privado e regulador da organização e crescimento da cidade. Deixa de ser a representação inventiva, simbólica e estética da organização comunitária.⁶⁵

⁶³ François Ascher, *Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos: um léxico* (2010), p.28.

⁶⁴ O Estado-Providência, é um tipo de organização política, económica e sócio-cultural que coloca o Estado como agente da promoção social e organizador da economia.

⁶⁵ Luís Vassalo Rosa, *Cidades, comunidades e invenções do futuro. Realidades e utopias* (2021), p.67.

A **cidade industrial** passa a acentuar a dualidade das categorias sociais, entre capital, cultura e riqueza e pobreza, degradação e dependência, entre o centro e a periferia, a participação e a exclusão. Começam a ser desenvolvidas iniciativas para a resolução desta dualidade e para as realizações motoras da economia e inovação tecnológica, todas subordinadas ao conceito da rentabilidade/viabilidade impostos por um sistema capitalista liberal.

A cada uma destas épocas correspondem modos de pensar e de criar, atores dominantes e concepções de poder, representações da sociedade, critérios de eficácia, formas de organização e, obviamente, princípios e modos de concepção e de organização do território.⁶⁶ Uma mutação profunda da maneira de conceber, de produzir e de gerir os territórios em geral e as cidades em particular.⁶⁷

Como reação às fracas condições urbanas nas cidades industriais, um dos primeiros modelos de organização do território, com impacto significativo no planeamento urbano do século XX, foi o conceito de *garden city* elaborado por Ebenezer Howard. Um modelo que pretendia combinar o melhor da vida urbana, com a vida rural. Uma cidade planeada, que equilibrava áreas residenciais, industriais e agrícolas. A cidade-jardim de Howard tinha um limite fixo de 32.000 habitantes residentes, quando atingisse essa ocupação, o excesso de população deveria ser acomodado numa nova cidade, com o objetivo de proporcionar uma rede (que podia ser infinita) de cidades, conectadas por um sistema de transportes coletivos. Também Le Corbusier passou a ser uma figura chave para o planeamento urbano do século XX, quando, depois da segunda guerra mundial, desenvolve dois modelos urbanos que correspondiam aos seus modelos de cidade ideal. Inicialmente, de forma a estabelecer as suas convicções teóricas relativamente ao urbanismo moderno, projetou o modelo da *Ville Contemporaine*, uma cidade para três milhões de habitantes, de caráter contido e centralizado. Cerca de dez anos mais tarde, projeta o modelo da *Ville Radieuse*, que, ao contrário do anterior, é um modelo expansível.

'O século XIX, para além da liberdade do homem, procurou promover a sua individualidade – relacionada com a divisão do trabalho – e as realizações que o tornam único e indispensável, ainda que, ao mesmo tempo, mais dependente da atividade complementar de outros.'⁶⁸ Apesar do estabelecimento da primeira e da segunda modernidade se ter efetuado de forma progressiva, a amplitude das mudanças ocorridas nas diversas esferas da sociedade provocou crises de toda a espécie: económicas, sociais, políticas e religiosas. Crises que não escapam à conceção, construção e funcionamento das cidades. Com os sucessivos avanços científicos e tecnológicos, a partir de meados do século XX, o processo de modernização acelerado provocou uma forte mudança na sociedade contemporânea e na forma como ela se territorializa.

[...] a urbanização – entendida enquanto processo que integra a mobilidade espacial na vida quotidiana – conduz a um redefinição da incidência dos modos de territorialidade nas formas sociais de troca e de estruturação das relações de força.⁶⁹

⁶⁶ François Ascher, *Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos: um léxico* (2010), p.25.

⁶⁷ Ascher, *Novos Princípios do Urbanismo*, p.30.

⁶⁸ Georg Simmel, *A metrópole e a vida do espírito*, in 'Cidade, Cultura e Globalização: Ensaios de Sociologia', Carlos Fortuna (1997), p.31.

⁶⁹ Jean Rémy e Liliane Voyé, *A cidade: Rumo a uma nova definição?* (1994 – 1ª pub.1992), p.13.

A revolução industrial é seguida de um impressionante crescimento demográfico das cidades. Do ponto de vista estrutural, a transformação dos meios de produção e de transporte, assim como a emergência de novas funções urbanas, contribuem para romper os velhos quadros, frequentemente justapostos, da cidade medieval e da cidade barroca. Françoise Choay⁷⁰ esclarece que uma nova ordem é criada, segundo o processo tradicional da adaptação da cidade à sociedade que nela habita. Primeiro, a racionalização das vias de comunicação, com a abertura de grandes artérias e a criação de estações; depois, a especialização dos setores urbanos; por outro lado, são criados novos organismos sociais que, através da sua grande escala, alteram o aspeto da cidade; e, por fim, os subúrbios assumem uma importância crescente, onde se implanta a indústria e, consecutivamente, a classe média e operária, fazendo com que a cidade deixe de ser uma entidade espacial bem delimitada.

o emergir da metrópole

Com a difusão da modernidade, a racionalização e a individualização introduzem uma inversão da relação com o **tempo**. A ideia de **progresso**, ligada ao sentimento de domínio crescente do ser humano, gera também uma abertura a mudanças de todos os tipos que passam a ser consideradas dignas de serem experimentadas, quando não são adotadas de imediato. Neste processo de transformação, a cidade é colocada como lugar de excelência, onde a modernidade exhibe os seus efeitos com amplitude. É o lugar do trabalho e do saber, da riqueza e do poder, torna-se o modelo a seguir.⁷¹

Surgem **novas correntes de pensamento** associadas a modelos ideológicos divergentes, como o **liberalismo**, que defende que o mercado livre e a propriedade privada devem regular o crescimento urbano, e o **socialismo**, que promove o planeamento centralizado e a propriedade pública, de forma a garantir um planeamento urbano equitativo e programado.⁷²

A **crise da cidade** reflete a **crise da sociedade**. A cidade não pode ser o resultado de uma atividade restrita e valorizada pela cultura do marketing dos técnicos e políticos. Tem de incluir todos os sistemas significantes da comunidade. Só assim se pode construir a cidade de amanhã, com o espírito de (re)criar a *nova cidade* à margem dos modelos pré-estabelecidos, mas com a sabedoria e ilusão de uma cidade enraizada na história e aberta à invenção do futuro.⁷³

A **urbanização** induz uma apropriação que se faz a partir de uma multiplicidade de lugares dispersos, ligados entre si por eixos de comunicação. A **cidade urbanizada** é assim vista como a adição de lugares distintos. Já não é o centro da cidade, o centro histórico, que estrutura a percepção do espaço. O papel e a ideia de um centro único e comum, tornaram-se mais frágeis a partir do momento em que cada grupo procura um lugar com que se identifique, que, naquilo que é a sua história, lhe é próprio e relativamente exclusivo.⁷⁴

⁷⁰ Françoise Choay. *O Urbanismo: Utopias e Realidades, uma antologia*. (2000 - 1ª pub. 1965), p.3-4.

⁷¹ Jean Rémy e Liliane Voyé, *A cidade: Rumo a uma nova definição?* (1994 - 1ª pub.1992), p.148.

⁷² Luís Vassalo Rosa, *Cidades, comunidades e invenções do futuro. Realidades e utopias* (2021), p.91.

⁷³ Vassalo Rosa, *Cidades, comunidades e invenções do futuro*, p.92.

⁷⁴ Rémy e Voyé, *A cidade: Rumo a uma nova definição*, p.92.

A história europeia das cidades até ao período barroco mostra uma cidade que, ao invés, e de certa maneira, se assemelha à do palácio de Siena, descrito no fresco de Ambrogio Lorenzetti da *Alegoria do bom governo*: é uma cidade em que está presente o elemento de comunhão e de comunicação; existe também o elemento mítico (certamente nessa cidade havia conflitos, causados na sua maioria pela proximidade como fator de inimizade), mas a sua forma prevalecente é a da partilha comunitária dos espaços. Essa cidade é destruída pelo ímpeto simultâneo da indústria e do mercado e, assim, surge a metrópole, dominada pelas suas 'figuras' chave, os dois corpos que a regulam: a *indústria* e o *mercado*.⁷⁵

Toda a forma urbana tradicional acabou por ser dissolvida na grande cidade que é a **metrópole**. A *civitas* romana foi o ponto de partida da evolução da cidade europeia no sentido da metrópole, como demonstra a história das transformações urbanas, das revoluções políticas que têm a cidade como centro. O modelo da **cidade circunscrita** e integrada em harmonia com o campo é confrontado com a pressão do crescimento urbano que teve início de forma massiva no século XIX. Esta mudança reflete a transição de uma economia baseada em comunidades agrárias e religiosas para uma economia industrial e comercial. Na **cidade medieval**, por exemplo, a catedral e o palácio do governo ou palácio do povo são presenças chave, enquanto que, do mesmo modo, na **cidade moderna** as presenças chave são os lugares da produção e os das trocas.

Hoje, as cidades são as grandes metrópoles, com as suas qualidades e esperanças, com seu poder de sedução e possibilidades de trabalho, de expressão e comunicação, mas também com os seus graves problemas, misérias e desigualdades.⁷⁶

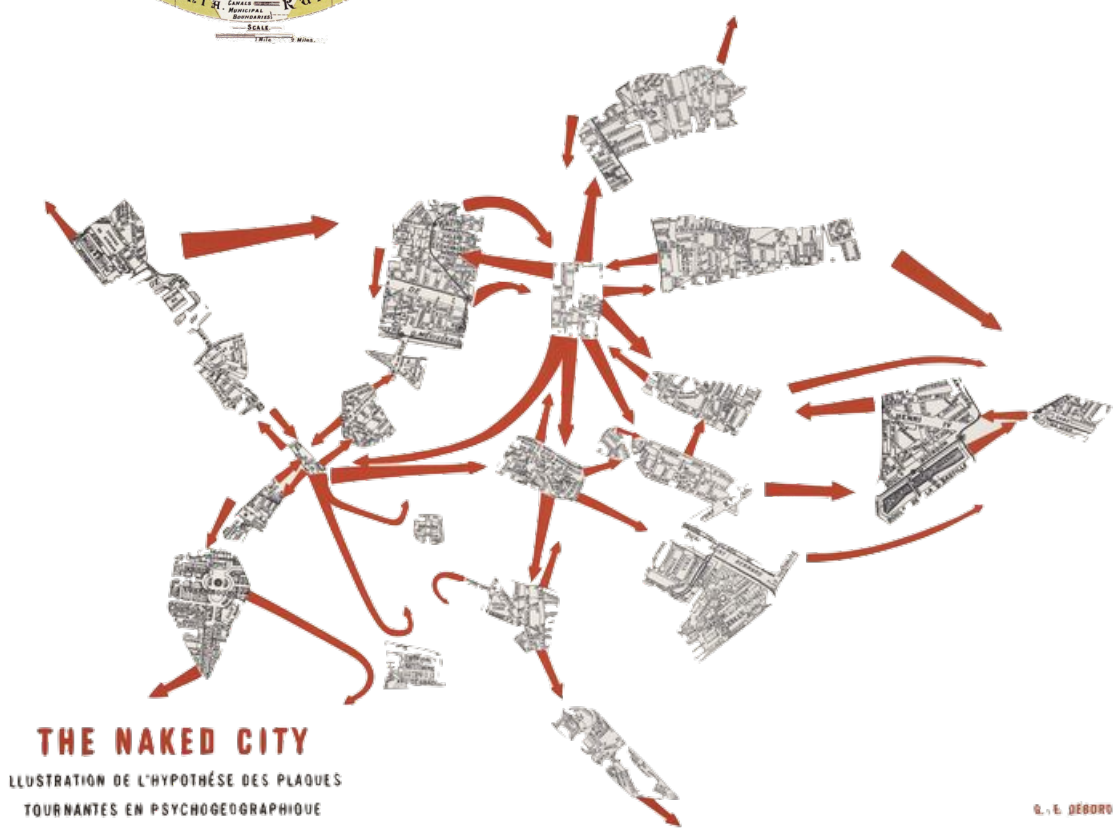
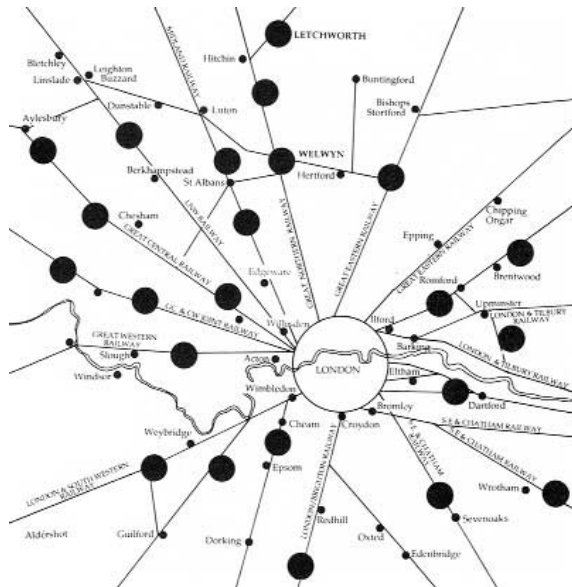
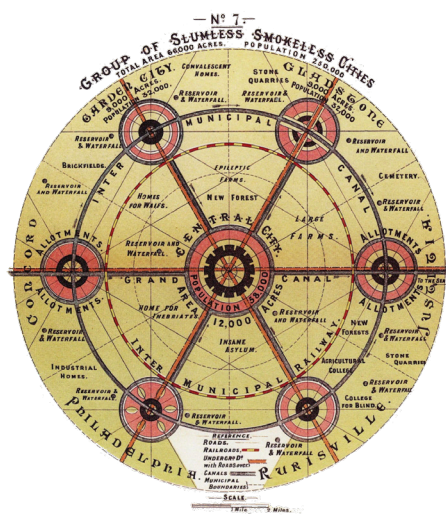
As sociedades ocidentais vivem uma nova fase, marcada por uma profunda evolução nas formas de pensar e de agir, mudam as ciências e as técnicas, as relações sociais, a economia, as desigualdades, as formas de democracia. São necessárias importantes mudanças na conceção, produção e gestão das cidades e dos territórios.⁷⁷ Depois da cidade clássica e da cidade industrial, a mudança de século, a passagem para o ano 2000, traz consigo o início da *terceira revolução urbana moderna*, a **terceira fase** da modernização⁷⁸, que no contexto desta investigação, corresponde ao desenvolvimento da ideia de *cidade sem limites*.

⁷⁵ Massimo Cacciari, *A cidade* (2010 - 1ª pub. 2004), p.29.

⁷⁶ Josep Maria Montaner e Zaida Muxí, *Arquitetura e Política: ensaios para mundos alternativos* (2014), p.113.

⁷⁷ François Ascher, *Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos: um léxico* (2010), p.19-20.

⁷⁸ Ascher, *Novos Princípios do Urbanismo*, p.32.



[29] Ebenezer Howard, Garden City. [30] Satellite Towns Round London, 1920. [31] Guy Debord e Asger Jorn, The Naked City, 1957.



QUARRYING

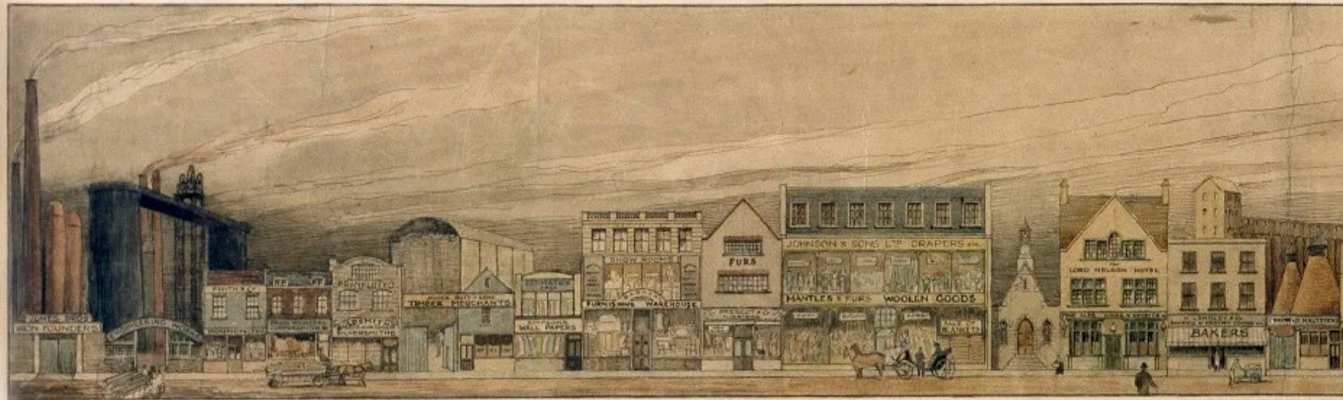
GOLDMINING

FORESTRY

HUNTING

SHEEP FARMING

ARABLE FARMING



IRON AND STEEL

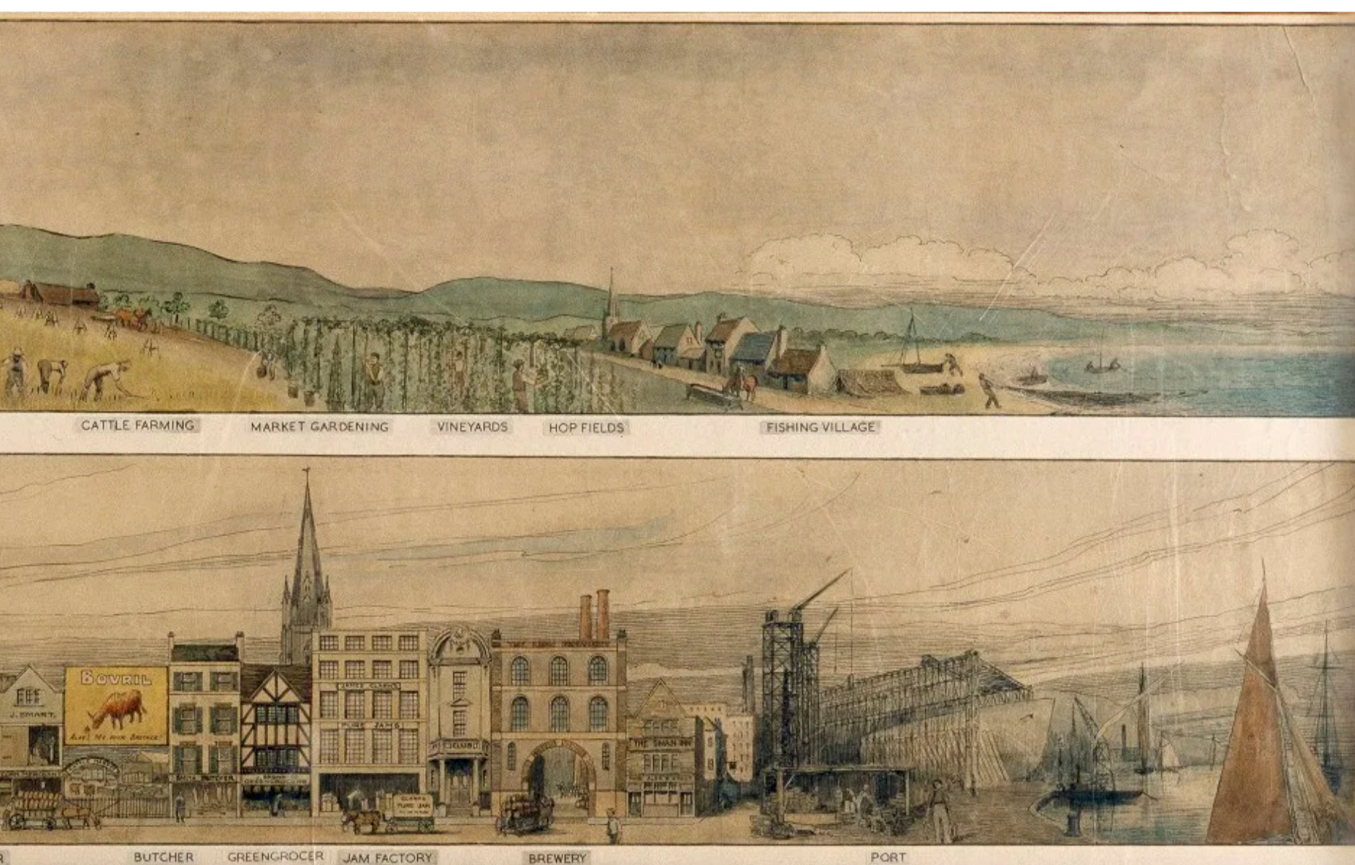
GOLDSMITHS

TIMBER AND PAPER MERCHANTS

FURRIER

WOOLLEN GOODS

BAKER & CORN CHANDLER



[32] Patrick Geddes, A Secção do Vale, 1923. Correspondências entre cidade-campo.





[33] Ambrogio Lorenzetti, *Os efeitos do bom e mau governo sobre a cidade e o campo*, 1290-1348.

A cidade está em todo o lado; a cidade já não existe. Já não habitamos em cidades, mas territórios. A própria possibilidade de fixar limites à cidade parece, hoje, inconcebível, ou melhor, reduziu-se a uma questão puramente técnico-administrativa. Os seus limites não são mais que um mero artifício.



a cidade sem limites

Enquanto que nas metrópoles era possível estabelecer uma relação entre centro-periferia, hoje em dia, a cidade disseminou-se ao ponto de formar um espaço indefinido, homogêneo, indiferente nos seus lugares. Um lugar onde se dão acontecimentos que se baseiam em lógicas que já não correspondem a um desígnio unitário de conjunto. Dá a entender que podemos estar em qualquer lugar, em qualquer hora, e até, em simultâneo, em mais do que um lugar, vivemos num tempo onde parecem não existir limites na cidade.

Atravessamos tempos de transformação e reflexão sobre a forma como vivemos, (co)habitamos e nos comportamos, a cidade já não se circunscreve apenas dentro das delimitações a que estávamos habituados. Vivemos perante uma cidade de geometria variável e expandida em territórios urbanizados, entendidos como redes e sistemas, definidos pela sua acessibilidade.

Esta **cidade contemporânea** configura-se, cada vez mais, como uma **estrutura compósita** de 'cidade' (ou cidades) reconhecíveis pela sua história, e de 'urbanizações' sem história, ou, dito de outro modo, com e sem 'modelo', impondo-se agora a gestão de ambas, como se de vasos comunicantes se tratasse. As descontinuidades dos contornos e também dos próprios fluxos e espaços públicos (que tradicionalmente mantinham a coesão física das sucessivas adições), bem como a diversidade das centralidades, densidades e morfologias, não têm paralelo no quase meio milénio de história urbana moderna que termina com o próprio modelo metropolitano e, com ele, o dualismo centro-periferias que agora se esgota para dar lugar a situações muito mais complexas.⁷⁹

Como designam autores como Massimo Cacciari, François Ascher, Nuno Portas e tantos outros pensadores relacionados com a área da urbanística, vivemos no tempo da **cidade-território**, ou da pós-metrópole, onde a velocidade das transformações impede a conservação de memórias do passado e a construção de uma identidade urbana.

Daí que se sustente que a nova **cidade-território**, ou extensiva, venha a configurar-se sobretudo pelas relações entre partes ou diferenças, mais do que por qualquer forma global ou homogeneidade de tecidos, como seriam, ou se imaginava que fossem, as aglomerações que lhes deram origem.⁸⁰

Isto implica que *casa e não-casa, morada e não-morada*,⁸¹ estejam interligadas, como reflexo da diversidade de funções que estes espaços podem ter, como reflexo da rápida mobilidade que o território atualmente permite. O que nos dá a entender que 'o território em que habitamos representa um desafio radical a todas as formas tradicionais de vida comunitária.'⁸²

⁷⁹ Nuno Portas, Álvaro Domingues e João Cabral, *Políticas Urbanas - Tendências, estratégias e oportunidades* (2003), p.16.

⁸⁰ Portas, Domingues e Cabral, *Políticas Urbanas*, p.16.

⁸¹ Massimo Cacciari, *A cidade* (2010 - 1ª pub. 2004), p.33-34.

⁸² Cacciari, *A cidade*, p.35.

A arquitetura, contrariando o que foi o seu contexto desde as primeiras experimentações dos arquitetos modernos, enfrenta agora um território que não é físico e dispõe de uma condição excecional que lhe permite iniciar finalmente e com veemência as reformas sociais necessárias à construção de uma nova utopia que estruture uma sociedade global. Um pensamento genuinamente interdisciplinar que sustente a harmonia entre o sistema humano e o sistema natural, sem permitir que estes sejam desviados por uma visão exclusivamente técnica e economicista.⁸³

Ao longo da história, as cidades tiveram uma ampla variedade de formas e identidades urbanas, hoje em dia existe apenas uma, ou melhor, um processo único de **dissolução** de toda e qualquer **identidade urbana**, que tem origem na afirmação do papel central que o nexo lugar de produção e mercado representa. No **mundo globalizado**, as suas influências tornaram-se uma força dominante, o sentido da relação humana reduz-se a produção-troca-mercado, onde todas as relações se concentram e, assim, os lugares da cidade passam a ser projetados em função destas variáveis. Os lugares simbólicos tradicionais desaparecem para dar lugar aos de troca e a novas construções maciças, embora a sua essência seja serem móveis, em dinamizarem a vida dos habitantes.⁸⁴

A cidade encontra-se no centro da transformação que as **novas tecnologias da informação** estão a provocar na nossa vida, no nosso comportamento, no nosso pensamento e na nossa capacidade criativa. As ciências têm tido evoluções rápidas e acompanham o emergir de novos paradigmas, são também um fator de risco, um risco que cresce com o processo de modernização, uma vez que os perigos e o conhecimento que deles podemos ter aumentam.

Os novos meios de transporte e de armazenamento de pessoas, de informações e de bens que a sociedade desenvolve e põe à disposição das organizações e dos indivíduos permitem que estes se emancipem em parte dos condicionalismos **espaciais e temporais**.⁸⁵

A **ascensão da tecnologia** e a **globalização** têm o potencial de dissolver essas formas de viver tradicionais, que estavam intimamente ligadas à terra e ao lugar físico em que as pessoas se encontravam, produzindo um desenraizamento. As **redes de comunicação** transformaram o modo como as pessoas se relacionam no tempo, sendo assim, a ideia de *lugar*, que tradicionalmente se referia a um espaço físico específico, com características geográficas e culturais distintas, é posta em causa. Ou seja, a **revolução eletrónica** veio alterar a noção de **espaço e tempo**, embora proporcione o desenvolvimento de serviços imateriais com menor consumo de espaço, passa a ocupar o território de forma aleatória, visto que, apesar de não ser de forma física, palpável, pode estar em qualquer lugar.⁸⁶

Será possível viver sem um lugar? Será possível habitar onde não existem lugares? O habitar não tem lugar lá onde se dorme e, por vezes, se come, onde se vê televisão e se

⁸³ Fátima Fernandes, *Apontamentos para o futuro*, Jornal Arquitetos: Pandemia, n°269 (2020), p.22.

⁸⁴ Massimo Cacciari, *A cidade* (2010 - 1ª pub. 2004), p.31-32.

⁸⁵ François Ascher, *Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos: um léxico* (2010), p.38.

⁸⁶ Luís Vassalo Rosa, *Cidades, comunidades e invenções do futuro. Realidades e utopias* (2021), p.94.

diverte com o computador de casa; **o lugar do habitar não é o mero alojamento**. Só uma cidade pode ser habitada; mas não é possível habitar a cidade se ela não se dispuser a ser habitada, ou seja, se não 'der' lugares. O lugar é o sítio onde paramos: é pausa – é análogo ao silêncio de uma partitura. Não há música sem silêncio. O **território pós-metropolitano** ignora o silêncio numa partitura; não nos permite parar, 'recolher-nos' no habitar.⁸⁷ Continuando nós a ser lugares, como podemos não querer lugares? Porém, os lugares desejáveis já não podem ser os da pólis nem sequer os das metrópoles industriais. Têm que ser lugares onde as características da mobilização universal conseguem estar representadas.⁸⁸

A noção de **habitar** vai além do espaço de alojamento, envolve uma conexão mais profunda com o local, uma sensação de pertença e de intimidade. Num mundo cada vez mais conectado e em permanente movimento, os lugares que procuramos podem não corresponder mais às áreas urbanas tradicionais, mas sim a espaços que permitam a representação da mobilidade e da universalidade, ambientes que sejam flexíveis e capazes de se adaptar às diferentes necessidades e estilos de vida das pessoas. Isto tem alterações profundas na **noção de centralidade**, que deixa de ser geográfica, e o dinamismo do mercado passa a originar estruturas urbanas abertas e dispersas. O que, como nas grandes transformações operadas no passado, da revolução agrícola à revolução industrial, provoca **profundas alterações na comunidade e nas suas instituições**.

A relação da comunidade com o lugar da produção transferiu-se para a **informação em tempo real**, o que origina a metamorfose da cidade em novos modelos urbanos. Ao caminho de ferro, interconexões elétricas, vias de comunicação rápidas, sucede a telecomunicação digital de alta velocidade.⁸⁹

A co-presença, ou a proximidade, já não são necessárias para um determinado tipo de trocas e de práticas sociais, uma vez que é possível a telecomunicação e a deslocação de forma progressivamente mais rápida. Ao mesmo tempo, a sincronização das ações passa a ser mesmo indispensável, visto que a probabilidade de interrupções é gradualmente maior. As possibilidades de ação e de interação à distância espacial e temporal são tantas, que se ganha a impressão de estar em vários lugares ao mesmo tempo. Um sentimento de **ubiquidade** e de **multitemporalidade** que acompanha um duplo processo de 'deslocalização' e de 'desinstantaneização'.⁹⁰

O trabalho, a família, o consumo, a religião, a política, o próprio corpo, tudo se torna ou parece tornar em objeto de decisão. A multiplicidade de escolhas com que os indivíduos se confrontam, que é variável conforme os seus meios, dá origem a perfis de vida e de consumo diferenciados, o que torna cada vez menos perceptível a eventual pertença a determinados grupos sociais, apesar do peso das determinações económicas e socioprofissionais. As tecnologias da informação e da comunicação têm nesta matéria um papel decisivo.⁹¹

⁸⁷ Massimo Cacciari, *A cidade* (2010 – 1ª pub. 2004), p.35.

⁸⁸ Cacciari, *A cidade*, p.36.

⁸⁹ Luís Vassalo Rosa, *Cidades, comunidades e invenções do futuro. Realidades e utopias* (2021), p.95.

⁹⁰ François Ascher, *Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos: um léxico* (2010), p.38-39.

⁹¹ Ascher, *Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos: um léxico*, p.39-40.

A anterior configuração de cidade, com fronteiras físicas estabelecidas de acordo com a funcionalidade dos usos requeridos e as suas interdependências, está a ser alterada pela **comunicação** e pelo **trabalho em rede**. A esta transformação e dinâmica corresponde a capacidade de *metamorfose da cidade*⁹², que adapta de forma orgânica a sua estrutura e os seus edifícios às exigências solicitadas de maior flexibilidade, de fácil integração do efêmero, menor interdependência funcional e de maior diversidade e complexidade.

A possibilidade de **telecontacto** altera profundamente o sentido de muitas atividades que, até então, exigiam um relacionamento físico, tem influenciado diversas áreas da nossa vida, desde o trabalho até aos relacionamentos pessoais. A comunicação à distância possibilita desempenhar tarefas, que antes exigiam uma presença física, que agora são viáveis através de meios digitais. A adaptação à nova realidade virtual acontece de forma rápida, e as comunidades adaptam-se às novas circunstâncias. Vimos isto acontecer na altura da pandemia da Covid-19, que acabou por acelerar a adoção de ferramentas digitais e demonstrar como a sociedade se adapta e incorpora essas alterações quando necessário.

Precisamos de lugares, devido a algo que diz respeito à nossa dimensão física mais primitiva.⁹³ O próprio nómada passa de um lugar para o outro, apesar de não se deter em nenhum, conhece sempre novos lugares. As comunicações à distância trazem muitos benefícios para o quotidiano acelerado dos tempos de hoje, mas também levantam algumas questões sobre a natureza das interações humanas e o valor do contacto físico. A tecnologia permite-nos estar presentes mesmo que não exista uma relação física de proximidade, mas não substitui completamente a experiência de estar fisicamente em determinados ambientes.

A cidade, mantendo a sua raiz física e comunitária, confronta-se hoje com uma nova dimensão – a da **interconexão em rede e em tempo real**. Os limites do real ganham novas referências e constituem uma oportunidade para a inovação e valorização da cidade. Contudo, a realidade mágica, histórica, geográfica, social e cultural da cidade perdurará, enriquecida pelas oportunidades de organização proporcionadas pela inovação tecnológica.⁹⁴

As **muralhas** que delimitam as cidades, hoje **invisíveis**, passam a ser inconsequentes face à flexibilidade da nova infraestrutura, que se estende sem limites a qualquer ponto do território. A disseminação da internet, das redes de mobilidade e das tecnologias da comunicação, tornam possível a conexão de pessoas e serviços em qualquer ponto do planeta, desafiando a ideia tradicional das fronteiras geográficas. As pessoas podem comunicar, trabalhar e interagir independentemente da sua localização, e essa flexibilidade altera a perceção de onde começar ou acabar uma cidade ou uma comunidade. As redes digitais estendem-se muito mais do que as redes do passado, de tal forma que comprometem as diferenças, há muito estabelecidas, entre zonas urbanas e rurais, quando os limites das cidades estavam bem definidos pelas suas muralhas.

⁹² Luís Vassalo Rosa, *Cidades, comunidades e invenções do futuro. Realidades e utopias* (2021), p.93.

⁹³ Massimo Cacciari, *A cidade* (2010 – 1ª pub. 2004), p.36.

⁹⁴ Vassalo Rosa, *Cidades, comunidades e invenções do futuro. Realidades e utopias*, p.95-96.

A ideia da muralha não se resume apenas à preocupação de defesa militar, ou materialização do lugar onde são cobrados os impostos, reveste-se também de um sentido simbólico, tem o intuito de delimitar o território, 'marca uma separação entre um exterior e um espaço culturalizado, que quer ser um lugar de ordenamento do espacial ao social'.⁹⁵ O desaparecimento das muralhas, associado à mobilidade espacial, dá abertura a uma extensão quantitativa e infinita da cidade.

O **território pós-metropolitano** liberta uma energia que é essencialmente **desterritorializante**, anti-espacial, que é também a ideia reguladora, ou a filosofia de base, das tecnologias informáticas. Esta forma de comunicação torna o espaço perfeitamente indiferenciado e homogêneo, no entanto, o espaço vinga-se desta vontade de ubiquidade. Por um lado, imobiliza-nos nas cidades, no trânsito, por exemplo, o que nos faz sentir que ainda somos corpos e que nos movimentamos com meios que ainda são corpos; por outro lado, as arquiteturas que se continuam a fazer contrastam radicalmente com o desejo de movimento e de *espiritualização*, constroem-se corpos muito rígidos, a linguagem arquitetónica contradiz totalmente esta mobilização universal.

Isto continua a acontecer pela necessidade de continuar a ser necessário ter presenças fortes, significativas e simbólicas neste território que é o da cidade sem limites, uma exigência insuperável, que entra em conflito com a ideia de onnipresença.⁹⁶

As **fronteiras** entre as cidades tornam-se mais **difíceis de definir**. As fronteiras políticas e administrativas já não refletem as dinâmicas reais das áreas urbanas, uma vez que as pessoas vivem, trabalham e deslocam-se num território contínuo, muitas vezes sem perceber onde termina uma cidade e começa a outra. À medida que as economias se tornaram mais diversificadas e baseadas em serviços, as funções como a produção industrial, com o seu carácter maciço, difundiram-se e disseminaram-se por todo o território. A **tecnologia** desempenha um papel fundamental no desenvolvimento desses territórios indefinidos, a possibilidade de **trabalhar remotamente**, por exemplo, reduziu a necessidade de concentração física num único lugar.

Ainda existem atividades que se podem definir como centrais e que orientam em seu redor as formas de ligação, a mobilidade. Estas polaridades cada vez mais se podem organizar em qualquer lugar, até as funções de troca estão por todo o lado. Ou seja, o território continua a especializar-se, mas fora de qualquer projeto global.⁹⁷

Será necessariamente o fim de toda a *forma* comunitária, ou um processo de libertação dos vínculos que a caracterizavam? [...] O território pós-metropolitano é a negação de toda a possibilidade de lugar ou é possível *inventar* lugares próprios do tempo em que a vitalidade deles parecia ser-lhes negada? [...] É uma geografia de acontecimentos, uma ativação de ligações que atravessam paisagens híbridas. O 'limite' do espaço pós-metropolitano só é dado pela 'fronteira' da rede de comunicações; [...] é evidente que se trata de uma 'fronteira' *sui generis*: só existe para ser ultrapassada.⁹⁸

⁹⁵ Jean Rémy e Liliane Voyé, *A cidade: Rumo a uma nova definição?* (1994 - 1ª pub.1992), p.39-40.

⁹⁶ Massimo Cacciari, *A cidade* (2010 - 1ª pub. 2004), p.47-49.

⁹⁷ Cacciari, *A cidade*, p.52-53.

⁹⁸ Ibid., p.53-54.

A designada **cidade difusa e informal** é contraposta à cidade compacta e formal. Vivemos em tempos de progressiva dispersão urbana, o espaço alarga-se para além dos limites administrativos, com áreas ilimitadas servidas pelas **redes de mobilidade**, que não são apenas físicas, mas também virtuais.

A mobilidade não afeta apenas as pessoas e os bens, mas também as mensagens e as informações, incide de várias formas na estruturação e no uso do espaço. Introduzida na vida quotidiana, torna-se uma condição de adaptação e de participação na vida urbana.⁹⁹ A **proximidade espacial** deixa de ser um indicador, ou uma garantia, de proximidade cultural. A mobilidade é reapropriada enquanto fator de superação dos limites dos espaços imediatos, o que permite a instauração do projeto individual para além das obrigações territoriais.¹⁰⁰

Estas redes de mobilidade, com os seus nós e interfaces, tornam-se os elementos estruturantes do território. A urbanização extensiva dos seus corredores e áreas de influência, metropoliza o território em redes de *não cidades*, aglomerações concretizadas por objetivos de rentabilidade económica imediata. Os territórios são ocupados sem vocação urbana. Este processo de formação de metrópoles e concentração da riqueza gera aglomerações extensas e descontínuas, heterogêneas e multipolares, no sentido da **aproximação do local ao global**.¹⁰¹

A **globalização** não consiste apenas no movimento de homens, capitais, matérias-primas e mercadorias, efetua-se também através da organização de processos de produção à escala internacional e por uma mobilidade generalizada. As formas de sociabilidade assumem diferentes dimensões, cada indivíduo passa a pertencer a esferas distintas, sendo cada vez mais indiferente o meio em que se encontra, uma vez que, num mesmo movimento em que parece, de certa maneira, homogeneizar as práticas e os estatutos difundidos por toda a parte, os mesmos objetos, as mesmas referências e quase os mesmos modos de organização, alarga também o leque no qual os indivíduos, os grupos e as organizações imergem para fazer as suas escolhas e desenvolver as suas especificidades.¹⁰²

Em vez de estabelecer novas relações entre pessoas e lugares de produção, como na revolução agrícola, ou entre pessoas e máquinas, como na revolução industrial, o **mundo digital global** reconstitui as relações entre as pessoas e a informação.¹⁰³

O social compõe-se hoje de indivíduos de 'múltiplas pertenças', ou seja, que se constroem cada um em vários campos sociais distintos.¹⁰⁴

O modo de urbanizar está-se a distanciar do conceito de cidade, que implica um polo centralizador e sentido comunitário, para uma realidade mais dispersa e fragmentada, segregada e individualista. O digital permite a aproximação aleatória entre diferentes localizações, o que leva a

⁹⁹ Jean Rémy e Liliane Voyé, *A cidade: Rumo a uma nova definição?* (1994 – 1ª pub.1992), p.74.

¹⁰⁰ Rémy e Voyé, *A cidade: Rumo a uma nova definição?*, p.87.

¹⁰¹ Luís Vassalo Rosa, *Cidades, comunidades e invenções do futuro. Realidades e utopias* (2021), p.97.

¹⁰² François Ascher, *Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos: um léxico* (2010), p.41.

¹⁰³ William J. Mitchell, *E-topia: vida urbana, jim, pero no la que nosotros conocemos*, (2001 – 1ª pub.1999), p.23

¹⁰⁴ Ascher, *Novos Princípios do Urbanismo*, p.46-47.

uma metamorfose da imagem urbana, uma vez que a localização das pessoas está menos dependente do sítio e do lugar. Surgem constelações de urbanizações, equipamentos e serviços ao longo das redes de mobilidade que, para além de conformarem uma ausência de centralidade, limites e estruturas consolidadas, perdem as regras que vinculam uma disciplina urbanística restritiva da máxima flexibilidade de usos.¹⁰⁵

Os laços fortes que uniam as comunidades aldeãs e medievais, pessoas pouco diferentes umas das outras, que conviviam a vida toda lado a lado, com a transição da comunidade para uma sociedade urbana e industrial, diversificam-se, multiplicam-se e começam a especializar-se. As **relações sociais** foram multiplicadas, o tecido social constituído pelas relações sociais contemporâneas altera-se, e passa ser composto por uma multiplicidade de fios, que lhe dão menos solidez, mas muito mais subtilidade e elasticidade.

Deste modo, a **estrutura social** dos tempos de hoje, baseada em laços não muito fortes mas muito numerosos e, muitas vezes, entre organizações de indivíduos afastados uns dos outros, funciona em **rede**. Assim sendo, a sociedade é estruturada e funciona como uma série de pontos interligados que asseguram uma mobilidade acrescida às pessoas, aos bens e às informações, o que gera uma nova solidariedade, cria um sistema de interdependência. François Ascher defende que esta forma de organização social reticular constitui a **sociedade hipertexto**¹⁰⁶, onde as pessoas se deslocam de forma real ou virtual em distintos universos sociais, que são articulados em distintas configurações.

O paradigma da rede, pela sua extraordinária fluidez e conetividade, acaba por pôr em causa todos os territórios, ou pelo menos a sua geometria fixa, desde o território familiar até ao território estadual, o que faz com que muitos lugares sejam convertidos em **não-lugares**.¹⁰⁷ Urge a necessidade da cidade ser flexível e aberta na sua organização e utilização. Deixa de ser uma unidade territorial de contiguidade e continuidade para se fragmentar numa sobreposição de **múltiplas redes** e passa a ser, em simultâneo, um sistema local e um sistema global.¹⁰⁸

Deste modo, a noção contemporânea de território está intrinsecamente ligada à expansão das redes de comunicação e da conectividade digital. As redes de transporte, internet e outras infraestruturas de comunicação têm um papel fundamental na criação de uma paisagem urbana que transcende os limites geográficos tradicionais. A definição de limites para esses territórios tornou-se uma questão complexa, os limites estão disseminados e muitas vezes expandem-se à medida que as redes de comunicação crescem, na realidade, sem grande planeamento, o que faz questionar as tradicionais noções de fronteiras urbanas.

¹⁰⁵ Luís Vassalo Rosa, *Cidades, comunidades e invenções do futuro. Realidades e utopias* (2021), p.98.

¹⁰⁶ Tendo como definição que 'o hipertexto é o processo que permite, clicando sobre uma palavra de um texto, aceder a esta mesma palavra numa serie de textos. Num hipertexto, cada palavra pertence simultaneamente a vários textos; em que cada um deles participa na produção de sentidos diferentes interagindo com outras palavras do texto, mas segundo sintaxes que eventualmente variam de um texto para o outro.'

in, François Ascher, *Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos: um léxico* (2010), p.47.

¹⁰⁷ António Covas. **A política reticular na era das redes**. Jornal de Notícias. último acesso em agosto de 2023.

¹⁰⁸ Ascher, *Novos Princípios do Urbanismo*, p.93.

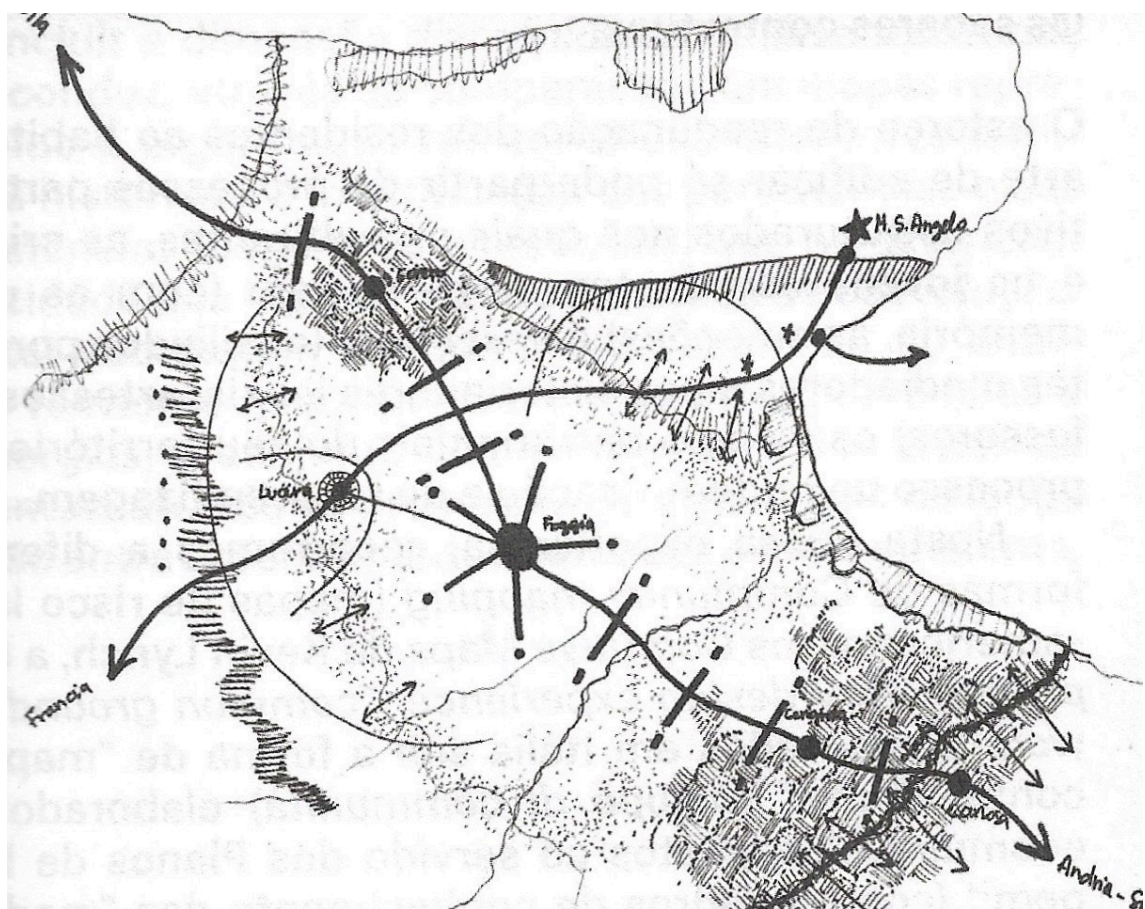
Apesar de tudo, e infelizmente, o mundo com que nos confrontamos continua a ser um espaço repleto de barreiras. Quando Massimo Cacciari refere que vivemos num *território desterritorializado*¹⁰⁹, em estado de crise perene, reflete a natureza dinâmica e em evolução da vida urbana. Os limites administrativos que o território ultrapassa, apesar de serem todos artificiais, continuam a existir, o que dificulta uma séria programação do desenvolvimento da cidade de metrópole para território.¹¹⁰ No entanto, essa crise pode ser vista como uma oportunidade para a inovação, para a adaptação e para a redefinição do espaço urbano, não perdendo a crença de que a cidade, a partir de vários polos centralizadores, pode efetivamente funcionar sem limites.

¹⁰⁹ Massimo Cacciari, *A cidade* (2010 – 1ª pub. 2004), p.54.

¹¹⁰ Cacciari, *A cidade*, p.55.



[35] *Estrutura Policêntrica da Região Toscana como invariante estrutural, Plano paisagístico da Regione Toscana.*



[36] A identidade das paisagens da Apúlia (Puglia), Plano Paesagístico Territoriale, coord. Alberto Magnaghi, 2010.



As massas da metrópole não se transformam em energia, pelo contrário, absorvem-na, consomem-na. Exatamente o oposto do que acontecia na cidade, onde existia correspondência entre os tempos das funções, dos trabalhos, das relações, e a qualidade das arquiteturas, onde a arquitetura enriquecia, potenciava a qualidade do conjunto. Temos que recuperar esta correspondência, mas é impossível fazê-lo propondo novamente uma forma urbis tradicional. Temos que ‘inventar’ correspondências, analogias entre o território pós-metropolitano, em que vivemos, e edifícios, lugares onde conseguir habitar; temos que ‘inventar’ novos edifícios que sejam lugares, mas lugares para a vida pós-metropolitana, lugares que expressem e reflitam o tempo, o movimento.

são lourenço como laboratório para um pensamento crítico sobre o território

Desde o século XVIII, três grandes revoluções na ciência mudaram o mundo. A primeira foi o motor a **vapor**, que deu origem à criação de locomotivas, à revolução industrial, às fábricas; a segunda revolução foi a canalização da **energia elétrica**, que trouxe os carros, a televisão; a terceira grande revolução corresponde à alta **tecnologia**, que permite o uso dos computadores, da internet; começamos a ver a afirmação da quarta grande revolução da ciência na história da humanidade, a **inteligência artificial**, a biotecnologia e a nanotecnologia.¹¹¹ O que nos diz que as próximas décadas vão sofrer a mais veloz transformação de sempre, tanto na tecnologia, como na ciência, como no ambiente ou nas relações interpessoais.

Parte da teoria urbanística do século XX encontra-se 'ultrapassada', foi superada pela complexidade da realidade. É urgente rever as teorias sobre o território e a cidade do século XXI. A base da mudança aponta para uma desconstrução dos processos dominantes para que se chegue a alternativas. Em *Arquitetura e Política*, os autores defendem que o urbanismo de hoje se deve basear em auto-organização, no funcionamento de baixo para cima e na justiça, sustentando-se por, pelo menos, quatro eixos de transformação estreitamente relacionados: igualdade, diversidade, participação e sustentabilidade, relacionados com a vontade de promoção e consolidação de uma democracia realmente participativa e ambientalista.¹¹²

Saber densificar corretamente as cidades e ter uma planificação prévia, devia ser uma forma de antecipar os desafios. O grande problema é que os governos duram muito pouco tempo e preocupam-se com o que acontecerá a curto prazo.¹¹³

A **cidade** foi um fator de emancipação para a humanidade, no entanto, parece que deixou de ser um símbolo de libertação e se tornou numa nova tirania, há um excesso de poder gerido de uma forma pouco clara, pouco preocupada com a sociedade. O grande desafio é assegurar um **desenvolvimento sustentável** de forma correta, mas também adaptarmo-nos ao que já existe. Tendo em conta que produzir uma cidade mais sustentável não tem só que ver com clima e energia, é uma sustentabilidade que tem que abranger o social e o económico, o material e o imaterial.

A questão essencial do desenvolvimento humano contemporâneo centra-se no presente e no futuro das cidades: estas são o problema e, ao mesmo tempo, a solução; a crise da arquitetura e do urbanismo pode ser muito frutífera.¹¹⁴

¹¹¹ Michio Kaku, *Mutação*, 2077 - 10 Segundos Para o Futuro (RTP, 2017).

¹¹² Josep Maria Montaner e Zaida Muxí, *Arquitetura e Política: ensaios para mundos alternativos* (2014) p.211-212.

¹¹³ David Basulto, *Novos Nómadas*, 2077 - 10 Segundos Para o Futuro (RTP, 2017).

¹¹⁴ Montaner e Muxí, *Arquitetura e Política*, p.41.

A aldeia de São Lourenço adequa-se, neste contexto, a um caso de estudo impulsionador para uma reflexão crítica sobre o que pode significar um novo e atual conceito de apropriação dos espaços, ultrapassando a convencional ideia de que a cidade se circunscreve apenas dentro das suas delimitações. Visto que se pode considerar um exemplo de um território que se encontra enquadrado no que se pode denominar de *cidade sem limites*, o noroeste peninsular, uma vez que já não vivemos numa cidade circunscrita, mas sim numa cidade alargada, global. Uma ideia de cidade que ultrapassa largamente as suas fronteiras, que permanecem apenas a definir limites meramente administrativos, que podem até ser entendidos como artificiais ou fictícios, tendo em conta que são constantemente atravessados de forma (in)visível.

A forma como percebemos e nos relacionamos com o espaço urbano mudou totalmente. A **mobilidade** anda à volta do **tempo**, que se tornou num fator mais importante do que a **distância** física, as aplicações de navegação, como o *google maps*, por exemplo, dão-nos as estimativas do tempo de viagem, a distância vem em segundo plano. A transição da métrica do espaço para o tempo na vida urbana reflete a procura por uma maior eficiência na mobilidade.¹¹⁵

Nós moramos em territórios cuja métrica já não tem qualquer sentido espacial, mas quando muito unicamente temporal. Fazemos todas as nossas contas com base no tempo, não ao espaço; já ninguém pergunta a que distância fica determinada cidade, mas quanto tempo demora a chegar lá. O espaço tornou-se apenas um obstáculo.¹¹⁶

Na cidade existia uma correspondência entre os tempos das funções dos trabalhos e das relações. Retornar a uma forma urbana tradicional não parece ser viável, nem apropriado, para a realidade atual. O mundo em que vivemos, caracterizado pela **dispersão** e pela **complexidade das conexões**, exige uma abordagem inovadora na conceção de edifícios e espaços urbanos.

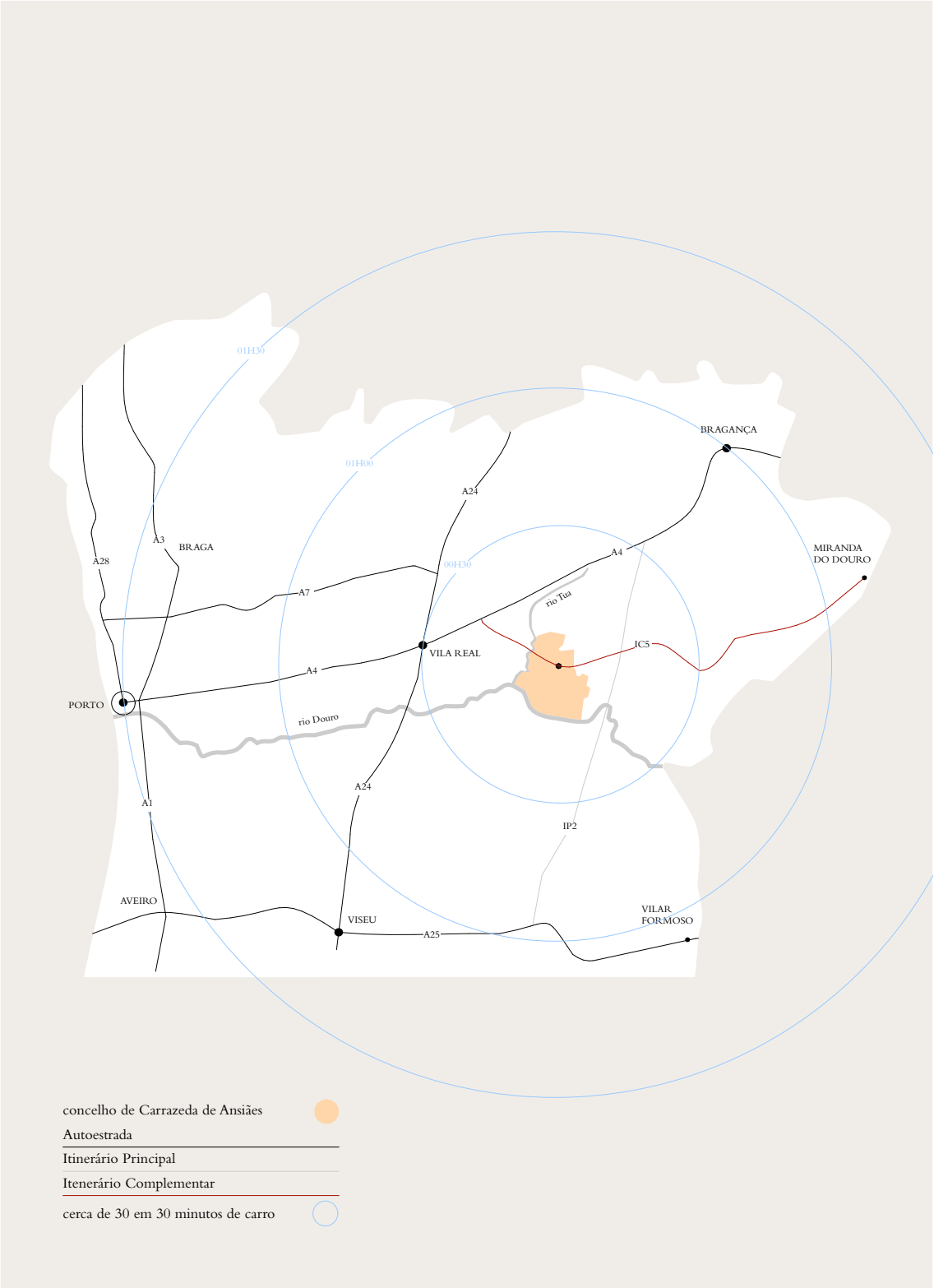
Os lugares físicos e os virtuais vão funcionar de forma interdependente e, em geral, complementam-se mutuamente dentro de um modo de vida urbana transformado, [...] Às vezes a rede vai ser utilizada para não se ter que ir a lado nenhum; mas outras, vai-se a algum sítio para estabelecer contactos pessoais.¹¹⁷

Apesar de se encontrar numa situação de abandono aparente, a aldeia de São Lourenço está relativamente perto de centros urbanos e continua a ser um local habitado por visitantes passageiros. Mostra-se um território disponível para ser (re)povoado, numa dinâmica que integra a ideia de cidade sem limites, não como uma urbanização extensiva, dispersa no território de forma aleatória, mas sim como uma ideia de cidade distribuída por vários pontos centralizadores, uma cidade construída com base numa política reticular bem conduzida. Uma ideia de urbanizar bairro a bairro, que hoje, com o acesso a redes de mobilidade, tanto físicas como virtuais, demonstra a possibilidade de habitar estes lugares, que, apesar de parecerem bastantes isolados, estão integrados numa rede de proximidade, mesmo que isso não implique uma forma física aparente.

¹¹⁵ Massimo Cacciari, *A cidade* (2010 - 1ª pub. 2004), p.56.

¹¹⁶ Cacciari, *A cidade*, p.56.

¹¹⁷ William J. Mitchell, *E-topia: vida urbana, jim, pero no la que nosotros conocemos*, (2001 - 1ª pub.1999), p.164.



[38] principais acessos a Carrizada de Ansiães, com tempos médios de deslocação.



Torna-se fundamental que o foco esteja em projetos que expressem e reflitam, não apenas as necessidades funcionais, mas também as dinâmicas do tempo e do movimento, característicos do atual contexto urbano. O que pode levar à criação de espaços versáteis, adaptáveis e multifuncionais, capazes de evoluir e de se ajustar às transformações constantes da vida moderna.

É essencial integrar a tecnologia, ter em conta valores de sustentabilidade ambiental e promover interações sociais: são aspetos cruciais que não podem ser deixados de parte. Tendo em conta a relação humana com a natureza, é preciso criar espaços que permitam uma relação saudável entre os dois, incentivando um sentido de comunidade e de pertença.

Com o tempo, a aldeia tornou-se cada vez menos num centro de equipamento e de decisão, mesmo no que respeita à agricultura. A **rede rodoviária** principal é que vai definir os espaços decisivos. É nas margens desta rede onde se instalam grandes equipamentos, concebidos para escoarem uma determinada mão de obra, ou onde se encontram restaurantes e serviços considerados indispensáveis, que entram na vida quotidiana tanto por imposição estrutural, porque passa a ser necessário as pessoas deslocarem-se para ir trabalhar, como por imposição cultural, porque se não se deslocarem é como se estivessem fora de moda. Este tipo de implantações, por um lado esvazia as aldeias do seu papel e da sua identidade, mas, por outro, são um fator para a sua reanimação, suscitam nelas atividades próprias. O futuro da aldeia passa a depender das decisões tomadas na cidade, um futuro onde a agricultura passa a ter pouco peso, sendo ela própria gerida a partir da cidade.¹¹⁸

Nos anos sessenta, a conjugação de uma forte subida do nível de vida, com a preocupação acrescida da higiene, o desenvolvimento e difusão das técnicas e a instalação nas aldeias de cidadãos que pretendem saborear o *ar natural do campo*, sem se privarem das vantagens da cidade, levou para o mundo rural as mesmas redes de equipamentos coletivos de que já beneficiavam as cidades, como a distribuição de água, de eletricidade e rede de saneamento. Uma lição sobre a qual já se refletiu a partir do livro *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queiroz. Este desenvolvimento foi bastante importante, particularmente porque as aldeias estão cada vez mais ligadas às grandes cidades por vias rápidas, o que permite e desenvolve migrações diárias.

Assim, a composição espacial da aldeia e as significações que lhe eram atribuídas modificam-se profundamente. 'O facto de se viver numa aldeia está longe, hoje, de remeter à partida para um modo de vida diferente daquele que se atribui automaticamente à cidade.'¹¹⁹ A ideia tradicional de que viver na aldeia implica um forte controlo social, porque era, para os seus habitantes, um lugar de total interconhecimento, hoje em dia perde-se, uma vez que é cada vez menos polivalente, ou seja, já não implica ser o mesmo sítio do trabalho, das relações sociais e do lazer.

Tanto é assim, que, recentemente, numa viagem que fiz a Arcos de Valdevez, a senhora Florinda, proprietária da mercearia local, perguntou-nos se estávamos a descansar do *barulhinho* da cidade e, com tristeza, partilhou que por ali 'está cada vez mais silencioso, há cada vez menos pessoas... A gente agora já nem se vê; todos vêm dos trabalhos, das fábricas, cada um para as suas casas.'

¹¹⁸ Jean Rémy e Liliane Voyé, *A cidade: Rumo a uma nova definição?* (1994 - 1ª pub.1992), p.150

¹¹⁹ Rémy e Voyé, *A cidade: Rumo a uma nova definição?*, p.152

No fundo, à medida que a modernidade se foi expandindo, à medida que a cidade se desenvolve, as suas conotações específicas e características foram-se difundindo progressivamente. É importante pensar nos desafios e oportunidades que se podem levantar em torno da globalização e da necessidade de repensar as nossas estruturas sociais e económicas de forma a valorizar mais a produção local. É fundamental contribuir para a formação de comunidades mais auto-suficientes.

Desfocados do essencial, é necessário mais reflexão e alargamento de conhecimentos tal como a proximidade com o comum e a sociedade em geral, o coletivo, saindo dos focos de interesse em que temos residido e pensar em outras formas de habitar o mundo.¹²⁰

Os seres humanos moldam e constroem ativamente o ambiente ao seu redor, criam lugares que refletem as suas necessidades, valores e cultura. O **território** não se trata apenas de um espaço físico, é também uma construção social e cultural. A relação entre as pessoas e a sua envolvente é um processo ativo, onde a intervenção humana é fundamental na sua formação e definição. Essa interação vai além da simples ocupação física, envolve questões emocionais, simbólicas e identitárias. O que faz ressaltar a importância de compreender o território não apenas como um espaço geográfico, mas também como um produto da interação sistemática ente a sociedade e o meio ambiente.

Falar sobre **território** permite-nos reconciliar a cidade e o campo numa **biorregião**, deixa de ser 'apenas mais uma camada no mil-folhas administrativo, mas a expressão de uma nova territorialidade descentralizada e autogerida'.¹²¹

[...] persiste um fosso entre a complexidade e a velocidade de transformação do 'Portugal Urbano', e a necessidade de criar sistemas e instrumentos de regulação mais adaptáveis, mais permeáveis à intersectorialidade e à articulação local-central. Um Estado menos inventor, mais regulador e com menos recursos, uma sociedade civil mais atuante e um poder crescente do mercado e dos seus agentes, exigem essa agilidade institucional, sem a qual aumenta a opacidade sobre o que é e como se defende a esfera do interesse coletivo naquilo que respeita às competências das 'Políticas Urbanas' num país e numa sociedade, eles próprios cada vez mais urbanos, apesar da pluralidade de sentidos que o adjetivo contém.¹²²

Para podermos pensar a comunicação interterritorial de modo sustentável, tendo em conta um território propício à ação participada e à deambulação, é necessário apostar no **poder decisório local**, para que este promova um espírito de inovação e de cooperação dos cidadãos, para que o território possa ser desenvolvido de forma participativa, a olhar para o futuro, mas sem esquecer a dimensão patrimonial do lugar.

É a partir do local que é possível introduzir uma economia sustentável preocupada, entre outros fatores, com o território patrimonial e a produção social; que é possível a adoção

¹²⁰ Manuel Lapão, *Reecontro: um passo atrás, dois em frente*, Jornal Arquitectos: Pandemia, nº269 (2020) p.53.

¹²¹ Thierry Paquot, *As cidades no tempo do vírus*, ELECTRA: Cidade, Campo, nº18 (2022), p.74.

¹²² Nuno Portas, Álvaro Domingues e João Cabral, *Políticas Urbanas - Tendências, estratégias e oportunidades* (2003), p.21.

de políticas participativas propulsoras de ação, a dinamização de equilíbrios de ordem energética e ecológica, a criação de espaços agro-florestais enquanto promotores de reciprocidade entre o urbano e o rural, a implementação do policentrismo nas cidades.¹²³

Daí que se sustente, como exemplo, um possível regresso ao interior do país. São Lourenço é apenas uma amostra de um território como tantos outros disponíveis para acolher estas novas formas de habitar. Onde se torna possível alterar a noção de que é na grande cidade, com que estamos habituados a ser confrontados como (único) local de oportunidade, para uma ideia de que a cidade pode estar em qualquer lugar, até em sítios aparentemente mais isolados, que nos podem permitir crescer e viver com mais qualidade de vida, mas sem um sentimento de segregação em relação ao mundo global.

A ideia de **descentralização** apela à redução da dependência de grandes centros urbanos e à distribuição de recursos e oportunidades de forma equitativa em várias localidades, pode permitir uma vida mais equilibrada para as pessoas, diminuindo a necessidade de mobilidade constante, embora, sempre que necessário, é importante existirem infraestruturas com capacidade para sustentar essas mobilidades.

Com a ascensão das redes globais e da era digital, parte da importância do espaço físico é deslocada para o mundo virtual, o que implica uma crescente transferência de interações e atividades humanas do espaço material para o espaço imaterial das redes digitais. Isto resulta no surgimento de comunidades menos ligadas a lugares físicos específicos e mais dependentes de conexões virtuais.

Tudo indica para que se aposte em estratégias de **contra êxodo**, o que pressupõe o regresso à terra, o regresso à urbanidade das cidades, o regresso aos sistemas socioeconómicos locais; ou seja, o regresso aos equilíbrios dos lugares do mundo.¹²⁴ Um regresso ao território que nada tem de repetitivo nem de nostálgico, não se trata de um regresso ao passado, mas um regresso à construção das futuras condições de vida sobre a terra. É essencial que o foco esteja voltado para a concepção de novas relações sociais, novas formas de assentamento, o que vai permitir que cada comunidade passe a estar capaz de reproduzir as formas do seu próprio meio de vida, que tenha a possibilidade de produzir riquezas que valorizem as formas duráveis do seu património territorial.¹²⁵

Para que esta transformação seja possível, Alberto Magnaghi propõe um sistema que denomina de *biorregião urbana*, onde as sociedades locais são reforçadas, para que possam caminhar em direção da auto-sustentabilidade ambiental, social e cultural. O que implica a **construção de novos pactos entre cidade-campo**, capazes de gerar os bens necessários à reprodução da vida, como água, alimentos, detritos e energia; a **criação de associações** socioeconómicas entre cidadãos e produtores, baseadas em microempresas, no artesanato, nos bancos locais, nas sociedades de

¹²³ Rosa Alice Branco, em Alberto Magnaghi, *A Biorregião Urbana: pequeno tratado sobre o território, bem comum* (2017), p.6.

¹²⁴ Alberto Magnaghi, *A Biorregião Urbana: pequeno tratado sobre o território, bem comum* (2017), p.61-62.

¹²⁵ Magnaghi, *A Biorregião Urbana*, p.62-63.

participação popular, nas empresas com consciência ética ambiental, social, comercial e de inovação; e o **reforço e inovação das atividades de produção e dos circuitos económicos** integrados, horizontal e verticalmente, atividades que estimulam o fabrico de produtos acabados, valorizando as particularidades dos bens patrimoniais, locais e regionais, e que encorajam as trocas de tipo cooperativo em todo o mundo.¹²⁶

Portanto, a atividade de projeto passaria a dizer respeito a uma organização local, capaz de reproduzir de forma equilibrada o seu próprio ciclo de vida e de melhorar a qualidade dos modos de habitar, tanto urbanos como territoriais, adotando medidas que assegurem a harmonia entre os aspetos sociais, ambientais, culturais e estéticos, com vista à produção de uma riqueza durável.¹²⁷

A biorregião urbana é o referente conceptual apropriado para se tratar, de uma maneira integrada, os domínios económicos (sistema local territorial), políticos (autogoverno), ambientais (ecossistema territorial) e do habitar (lugares funcionais e lugares de vida num conjunto de cidades, burgos e aldeias) de um sistema socioterritorial que cultiva um equilíbrio de coevolução entre o assentamento humano e o meio ambiente, reestabelecendo sob uma nova forma as relações de longa duração entre cidade e campo para se atingir a equidade territorial.¹²⁸

Este sistema de grande complexidade de **biorregião urbana**, depende, em grande parte, da estrutura dos sistemas de relações entre os seus centros urbanos. A biorregião é composta por um *campo habitado* e por *redes de cidades* pequenas e médias, conectadas por redes complexas de *corredores de infraestruturas*, constituídas por estradas, vias de caminho de ferro, rios, trilhos pedestres, pistas cicláveis e redes telemáticas. Todos estes elementos encontram-se implicados num jogo de relações multiescalares e policêntricas, que recupera a complexidade da armadura urbana histórica e as suas regras genéticas e transformadoras.¹²⁹

Um modelo baseado na interconexão entre centros urbanos, áreas habitadas e redes de infraestruturas, que formam uma malha bastante complexa de conexões, não implicam apenas elementos físicos, representam também uma rede digital, invisível, que facilita a comunicação e a troca de informação. Este modelo policêntrico valoriza a diversidade e a autonomia dos centros urbanos mais pequenos, a ideia não é que uma cidade principal sustente a região, mas sim uma rede interconectada por várias centralidades, com funções singulares e diferentes das dos outros.

[...] o poder do lugar físico vai continuar a prevalecer. À medida que os requisitos tradicionais de localização enfraquecem, vamos ser atraídos por locais que ofereçam uma atração especial em termos de clima, cultura ou paisagem – qualidades exclusivas – que não se podem transmitir através de um cabo, juntamente com as interações cara a cara que são tão importantes para nós.¹³⁰

¹²⁶ Alberto Magnaghi, *A Biorregião Urbana: pequeno tratado sobre o território, bem comum* (2017), p.63-64.

¹²⁷ Magnaghi, *A Biorregião Urbana*, p.64.

¹²⁸ Ibid., p.89.

¹²⁹ Ibid., p.132-133.

¹³⁰ William J. Mitchell, *E-topia: vida urbana, sim, mas não a que nós conhecemos*, (2001 – 1ª pub. 1999), p.164.

No fundo, a aldeia de São Lourenço é um território que foi construído e acabou por ficar ao abandono porque, de certa forma, surgiu e foi pensado para turistas. É um território que foi pensado apenas para ter uma ocupação sazonal, esporádica, constante no seu ritmo. É um território que não foi pensado para ter estrutura, ou seja, não é capaz de gerar fixação. É um território onde não se fez cidade, o que não permite formar comunidade. A questão passa por perceber o que está a ser feito e pensado para uma possível (re)ocupação deste território?

As propostas da câmara municipal continuam a andar à volta de um planeamento meramente pensado numa perspectiva de ocupação e desenvolvimento turístico. Por ser uma experiência essencial do ser humano moderno, o turismo transformou-se num fenómeno arrasador, um turismo massivo e em quantidade. Acaba por se constituir como um sistema de atividades que se sobrepõe às estruturas existentes, quando pode servir para dar motivos de satisfação e evolução a uma cidade ou sociedade. Infelizmente, parece que empobrece e destrói os sistemas naturais, sociais e urbanos, quando a energia e a riqueza que geram também podem ser usadas de forma positiva, como oportunidade de refazer e enriquecer os tecidos sociais, produtivos, urbanos e paisagísticos que não têm meios próprios suficientes para o conseguir.

O **turismo** é a **primeira indústria mundial**, a atividade dominante num mundo autodefinido por dois conceitos antagónicos: globalização e sustentabilidade, que possivelmente seriam dois dos tipos ideais que caracterizam as tendências da nossa época.¹³¹

O turismo é hoje um motivo de debates, polémicas e conflitos urbanos, 'acompanhado a globalização e a desregulação dos sistemas financeiros ao longo dos anos 90, a expansão do turismo de massas transformou-se numa oportunidade de valorização do capital'.¹³² Tornou-se um dos setores económicos com mais rápido crescimento e são vários os países que encaram o turismo como um veículo estratégico para a prosperidade. No entanto, pode levar a uma degradação da natureza e dos locais ativos no geral, o que por sua vez diminui a qualidade de vida, tanto dos residentes, como dos turistas.¹³³

No caso de São Lourenço, não havendo residentes, como é que se sustenta esse desenvolvimento turístico? Transformando este local numa espécie de *resort*? É que, a meu ver, tem potencial para se ir mais além. Não assumo uma posição contra esse tipo de exploração, porque está visto que o desenvolvimento do turismo pode ajudar a manter e reabilitar lugares, pode gerar novos postos de trabalho, pode ajudar a trazer investimento para o local. A questão é que não se pode pensar apenas nesse tipo de desenvolvimento, é fundamental pensar na comunidade que habita ou pode vir a habitar o espaço. As termas podem funcionar como elemento centralizador para atrair pessoas, mas é preciso ver desenvolvida a rede de mobilidade falada aquando a construção da barragem, por exemplo. Os acessos têm que ser melhorados para se aceder facilmente à saúde, à educação; para que a capacidade de deslocação seja facilitada e não um impedimento para se chegar a qualquer lugar.

¹³¹ Josep Maria Montaner e Zaida Muxí, *Arquitectura e Política: ensaios para mundos alternativos* (2014), p.143.

¹³² Álvaro Domingues, *turismo on fire*, revista electra, turismo, p.45.

¹³³ Álvaro Matias, *A Exportação Fácil*, revista electra, turismo, p.87.

Também **evolução tecnológica** e a **globalização**, tiveram efeitos extremamente positivos no crescimento de riqueza, na diminuição de pobres absolutos, na melhoria das condições de vida dos cidadãos. No entanto, também provocaram consequências negativas, uma delas foi o aumento das desigualdades, que é uma questão problemática à escala global. É preciso regulamentação política da mundialização económica para reduzir as desigualdades, teremos de repensar a democracia para permanecer um valor universal, respeitando ao mesmo tempo a diversidade cultural.

A questão das máquinas roubarem empregos não é um medo novo. As máquinas sempre substituíram empregos, mas o equilíbrio encontrado permitiu criar mais trabalhos do que os substituídos. Não se trata de emprego, trata-se de sentido. Como conseguimos dar sentido à vida e como nos sustentamos? Que tipo de economia queremos ter? A tecnologia criou a possibilidade de reestruturarmos totalmente isso de forma a beneficiar toda a gente. O **rendimento básico universal** pode ser uma proposta interessante.¹³⁴

Os humanos vão viver cada vez mais em trânsito, estamos cada vez mais preparados para trabalhar e viver em qualquer lugar. Claro que isto tem implicações sociais. Apesar de existir uma forte proximidade eletrónica, precisamos de relações físicas, de contacto, tal como precisamos de lugares. 'Temos criado sempre uma enorme capacidade para criar problemas, mas também uma enorme capacidade para os resolver.'¹³⁵ As variáveis são muitas e as possibilidades de sermos bem ou mal sucedidos também. Pode ser que consigamos alcançar uma nova ordem social, respeitando e aceitando as diferenças.

As coisas fundamentais não mudam e nunca mudaram. O desejo de estar satisfeito foi sempre o mesmo. Damos-lhe diferentes nomes e diferentes significados. Para um ser humano essas coisas têm de lá estar. A necessidade de alegria, de bondade, de clareza, de compreensão, de amor e de conforto. É o que nos torna humanos.¹³⁶

Por isso a ideia de se voltar a habitar territórios como São Lourenço, nos tempos que vivemos, os trabalhos já nem sempre estão condicionados a uma presença física, apenas é preciso que as redes de mobilidade físicas e virtuais funcionem, que podemos estar em qualquer lugar. O que não significa que não precisamos de continuar a trabalhar as nossas relações pessoais, uma vez que, como humanos, é importante rodearmo-nos de pessoas, talvez precisemos é de territórios onde essas relações possam funcionar de uma forma saudável, onde o tempo e o espaço nos permita viver essas relações de uma forma mais descontraída.

¹³⁴ Paul Saffo, *Novos Nómadas*, 2077 - 10 Segundos Para o Futuro (RTP, 2017).

¹³⁵ António Guterres, *Novos Nómadas*, 2077 - 10 Segundos Para o Futuro (RTP, 2017).

¹³⁶ Prem Rawat, *Uma Sede Insaciável*, 2077 - 10 Segundos Para o Futuro (RTP, 2017).



[40] Caspar Wolf, Dalaschlucht

O maior desafio do século XXI é aprendermos a coabitar e a tolerar, ainda que não nos compreendamos e nos detestemos. E este é um objetivo político no sentido da grande política. Se queremos que o ser humano seja melhor é uma questão política, moral, de educação e nunca tecnológica.

Nada há mais complicado que o Homem. Portanto, deixemos a tecnologia de lado para refletir como tornar o homem menos egoísta, menos perverso, menos cruel, menos agressivo. Isso é o mais difícil.

nota reflexiva

A aldeia de São Lourenço surgiu na minha vida em 2016, no decorrer de uma caminhada pela antiga Linha de Comboio do Tua. Deixou-me a questionar o porquê daquele abandono, tão perto daquilo que chamávamos de cidade. Esta inquietação tornou-se subjacente a algo abaixo elenco como um conjunto de experiências e me levou a pensar. Faz sentido continuarmos a desenhar as cidades como muralhas defensivas da natureza que nos rodeia e dos nossos semelhantes?

Depois de uma experiência em História da Arquitetura Portuguesa, onde estudámos o desenvolvimento da antiga vila de Barcos, atualmente pertencente a Tabuaço, também bastante isolada e com o índice populacional em decréscimo; depois da experiência da vivência da pandemia da Covid-19, uma altura em que tive a oportunidade de me isolar numa pequena aldeia no Gerês; tendo em conta o contexto da minha própria vida, visto que os meus pais, quando eu era nova, partiram da cidade para o campo, para irmos viver para uma aldeia na vila de Armamar, também no interior do país; depois da experiência de projeto 5, onde estudámos o concelho de Oliveira de Azeméis, e onde os nossos olhares foram abertos formalmente à disciplina da urbanística; o interesse pela *Cidade sem Limites*, conceito que fui construindo alicerçado na conjugação destas múltiplas experiências, ocupou o espaço da *ideia* forte, a qual como jovens estudantes de arquitetura e urbanismo, facilmente adquirimos nesta fase final da nossa aprendizagem.

Convergente com esta *ideia*, já atentamente em projeto 5, trabalhámos o *em Comum*, procurámos pensar a arquitetura e o urbanismo através de uma equação assente na definição de três paradigmas que se inter-definem e se inter-motivam – territórios, comunidades e sociabilidades.

Compreendendo a interseção entre eles, as suas dinâmicas de relação, nomeadamente os seus processos de materialização urbana, foi possível formular uma estratégia de intervenção na cidade verdadeiramente consciente. Concluímos a importância da definição de meios de produção de cidade, de território e de sociabilidades eficazes para um desenvolvimento urbanístico eficiente para as comunidades, tendo sempre em conta que o território é construído pela comunidade, que a comunidade se apropria do espaço público, gerando sociabilidades, tornando-se assim um fator importante na identificação da comunidade com o território.

Repensar a ideia de cidade e o papel do urbanismo na transformação do meio em que habitamos, foi um desafio. Ainda para mais tendo em consideração um caso de estudo que não correspondia propriamente à ideia que eu tinha de cidade. Faz sentido continuar a existir uma divisão tão afincada entre cidade-campo, entre centro e periferia, entre perto e longe, quando vivemos num mundo urbanizado, onde a relação espaço-tempo claramente anula as fronteiras geográficas, geométricas e administrativas de antigas formas de organização política do território?

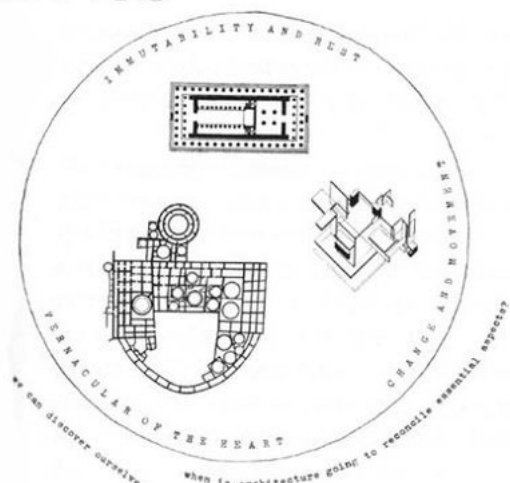
90 Esta outra concepção de cidade, definida por uma visão expansiva, em *mancha de óleo*, difusa e dispersa, mas conectada e contínua, pode ser entendida como um território complexo e profundamente heterogêneo – uma rede inquieta de espaços de influência e de transformação, oposição e ambiguidade, fronteira e mobilidade, singularidade e coletividade, objeto e conjunto, particular e global, desejo e expressão.

Muito questionei se devemos continuar a falar sobre cidade. E acho que sim. A ideia de cidade é luminosa, precisamos dela, nesta busca constante por um sistema espacial integrado, onde o comum seja o lugar coletivo, no qual podemos habitar um território sem limites: a cidade.



BY US

FOR US



we can discover ourselves everywhere - in all places and ages - doing the same things in a different way, feeling the same differently, reacting differently to the same.

to discover anew implies discovering something new.

get close to the center - the shifting center - and build.

fontes de informação

livros e itens monográficos

ARISTÓTELES. Política. tradução de António Campelo Amaral e Carlos Gomes.Vega, 1998.

ASCHER, François. **Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos: um léxico.** prefácio de Nuno Portas. tradução de Margarida de Souza Lobo. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

ASCHER, François. **Metapolis: acerca do futuro da cidade.** tradução de Álvaro Domingues. Oeiras: Celta, 1996 (1ª pub. original 1995).

BELO, Duarte. **A Linha do Tua.** Porto: Dafne Editora, 2013.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é Sólido se Dissolve no Ar.** tradução de Ana Tello. Lisboa: Edições 70, 1989 (1ª pub. original 1982).

BORJA, Jordi e Manuel Castells. **Local y global: la gestión de las ciudades en la era de la información.** Madrid: UNCHS, 1997.

CACCIARI, Massimo. **A cidade.** tradução de José J. C. Serra. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2010 (1ª pub. original 2004).

Calvino, Italo. **As Cidades Invisíveis.** Tradução de José Colaço Barreiros. Alfragide: Dom Quixote, 2015 (1ª pub. original 1972).

COUTINHO, Pedro; Luís Filipe Coutinho Gomes e João Nuno Marques. **Estudo histórico e etnológico do Vale do Tua: aproveitamento hidroelétrico de Foz Tua.** Porto: EDP, 2017, volume III.

CHOAY, Françoise. **O Urbanismo: Utopias e Realidades, uma antologia.** São Paulo: Editora Perspetiva S.A., 2000 (1ª pub. original 1965).

FIGUEIREDO, Fernando Augusto de. **Pombal de Ansiães: entre o Rio Tua e o Planalto.** Lisboa: Âncora Editora, 2016.

LABORIT, Henri. **O Homem e a Cidade.** tradução de Alberto Paes Salvação. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1990 (1ª pub. original 1971).

LAIGINHAS, Jorge e Leonel de Castro. **Pare, Escute, Olhe.** Porto: Civilização Editora, 2010.

LEAL, Pinho. **Portugal Antigo e Moderno: dicionário geographico, estatístico, chorographico, heráldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias.** Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, volume sétimo.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade.** Lisboa: Estúdio e Livraria Letra Livre, 2012 (1ª pub. original 1968)

FORTURA, Carlos. **Cidade, Cultura e Globalização: Ensaio de Sociologia.** Oeiras: Celta Editora, 1997.

MAGNAGHI, Alberto. **A Biorregião Urbana: pequeno tratado sobre o território, bem comum**. tradução de Fátima Vieira. Matosinhos: ESAD, Escola Superior de Artes e Design, 2017.

MITCHELL, William J.. **E-topía: vida urbana, jim, pero no la que nosotros conocemos**. tradução de Fernando Valderrama. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2001 (1ª pub. original 1999).

MONTANER, Josep Maria e Zaida Muxí. **Arquitectura e Política: ensaios para mundos alternativos**. tradução de Frederico Bonaldo. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2014.

NEL-LO, Oriol. **A Cidade em Movimento. Crise Social e Resposta Cidadã**. tradução de Marta Brito. Lisboa: Livraria Tigre de Papel, 2018 (1ª pub. original 2015).

PORTAS, Nuno; Álvaro Domingues e João Cabral. **Políticas Urbanas - Tendências, estratégias e oportunidades**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

PORTAS, Nuno; Álvaro Domingues e João Cabral. **Políticas Urbanas II - Transformações, Regulação e Projectos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

RÉMY, Jean e Liliane Voyé. **A cidade: Rumo a uma nova definição?**. tradução de José Domingues de Almeida. Porto: Edições Afrontamento, 1994 (1ª pub. original 1992).

RIBEIRO, Orlando. **Portugal o mediterrâneo e o atlântico**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1991 (1ª pub. original 1941).

ROSSA, Walter. **Fomos Condenados à Cidade: uma década de estudos sobre património urbanístico**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.

TÁVORA, Fernando. **Teoria Geral da Organização do Espaço. Arquitectura e Urbanismo. a lição das constantes**. direcção editorial, projeto e selecção documental de Manuel Mendes. Porto: FAUP publicações, 1993.

THOREAU, Henry David. **Walden: ou a vida nos bosques**. tradução de Astrid Cabral. Lisboa: Antígona, 2018 (1ª pub. original 1854).

TRAVASSO, Nuno. **Construir a Cidade Continuada: processos e imaginários**, para um planeamento operativo a partir do Médio Ave. Tese de Doutoramento em Arquitectura, FAUP, 2021.

Saramago, José. **Viagem a Portugal**. Porto: Porto Editora, 2021 (1ª pub. original 1981).

VASSALO ROSA, Luís. **Cidades, comunidades e invenções do futuro**. Realidades e utopias. Torres Novas: Município de Torres Novas, 2021.

WILLIAMS, Raymond. O Campo e a Cidade: na história e na literatura. tradução de Paulo Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 (1ª pub. original 1973).

contribuições em revistas

ALONSO, Pedro Ignacio. **A metacidade**. *ELECTRA: Cidade, Campo*, n°18, setembro – dezembro 2022, p.33-42.

BURMESTER, Alexandre. **Arquitectura e Pandemias**. *Jornal Arquitectos: Pandemia*, n°269, junho 2020, p.8.

DOMINGOS, Nelson Tito Almeida. **A História e as Vivências das Caldas de São Lourenço, Concelho de Carrazeda de Ansiães**. *Revista Memória Rural*, n°4, 2021, p.57-p.81.

DOMINGUES, Álvaro. **Território, planeamento e outras ficções**. *Território, Planeamento e Urbanismo: teoria e prática*, nº1, janeiro 2018, p.7-29.

FERNANDES, Fátima. **Apontamentos para o futuro**. *Jornal Arquitectos: Pandemia*, nº269, junho 2020, p.22.

FERRAZ, Hugo Merino. **A cidade digital**. *Jornal Arquitectos: Pandemia*, nº269, junho 2020, p.26.

GUERREIRO, António. **Sob a condição da urbanização planetária**. *ELECTRA: Cidade, Campo*, nº18, setembro - dezembro 2022, p.27-29.

LAPÃO, Manuel. **Reecontro: um passo atrás, dois em frente**. *Jornal Arquitectos: Pandemia*, nº269, junho 2020, p.53.

PAQUOT, Thierry. **As cidades no tempo do vírus**. *ELECTRA: Cidade, Campo*, nº18, setembro - dezembro 2022, p.61-74.

PENINSULAR, Atelier. **A cidade sem qualidades**. *Jornal Arquitectos: Pandemia*, nº269, junho 2020, p.14.

documentários

As Linhas do Douro e Tua. RTP ARQUIVOS, 25 de agosto de 2007. último acesso em dezembro de 2023, <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/as-linhas-do-douro-e-do-tua/>.

BASULTO, David. **Novos Nómadas**. 2077 - 10 Segundos Para o Futuro. RTP, 2017. último acesso em dezembro de 2023, <https://www.rtp.pt/play/p4286/2077-10-segundos-para-o-futuro>.

BRASIDOTTI, Rosi. **Uma Sede Insaciável**. 2077 - 10 Segundos Para o Futuro. RTP, 2017. último acesso em dezembro de 2023, <https://www.rtp.pt/play/p4286/2077-10-segundos-para-o-futuro>.

CLARA COUTO, Ricardo. **Tua Dele: A Linha da Obsessão**. RTP, 2018. último acesso em dezembro de 2023, <https://www.rtp.pt/play/p9148/tua-dele-a-linha-da-obsessao>.

DOMINGUES, Álvaro. **A Cidade de Portas**. realização de Teresa Prata e Humberto Kzure. produção de Prata e Prata, Cinequadrinesco. RTP, 2020. último acesso em dezembro de 2023, <https://www.rtp.pt/play/p11004/a-cidade-de-portas>.

GUTERRES, António. **Novos Nómadas**. 2077 - 10 Segundos Para o Futuro. RTP, 2017. último acesso em dezembro de 2023, <https://www.rtp.pt/play/p4286/2077-10-segundos-para-o-futuro>.

KAKU, Michio. **Mutação**. 2077 - 10 Segundos Para o Futuro. RTP, 2017. último acesso em dezembro de 2023, <https://www.rtp.pt/play/p4286/2077-10-segundos-para-o-futuro>.

Ler +, Ler melhor. **A Linha do Tua**. RTP ARQUIVOS, 3 de dezembro de 2013. último acesso em dezembro de 2023, <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/a-linha-do-tua-2/>.

RAWAT, Prem. **Uma Sede Insaciável**. 2077 - 10 Segundos Para o Futuro. RTP, 2017. último acesso em dezembro de 2023, <https://www.rtp.pt/play/p4286/2077-10-segundos-para-o-futuro>.

SAFFO, Paul. **Novos Nómadas**. 2077 - 10 Segundos Para o Futuro. RTP, 2017. último acesso em dezembro de 2023, <https://www.rtp.pt/play/p4286/2077-10-segundos-para-o-futuro>.

WOLTON, Dominique. **Novos Nómadas**. 2077 - 10 Segundos Para o Futuro. RTP, 2017. último acesso em dezembro de 2023, <https://www.rtp.pt/play/p4286/2077-10-segundos-para-o-futuro>.

artigos e sites web

COVAS, António. **A política reticular na era das redes**. Jornal de Notícias. último acesso em agosto de 2023, <https://www.jn.pt/opiniao/convidados/a-politica-reticular-na-era-das-redes-14939517.html/>.

COSTA, Luís Octávio. **Há 2600 pessoas que querem viver (e trabalhar) na vila nómada da Madeira**. último acesso em agosto de 2023, <https://www.publico.pt/2021/01/29/fugas/noticia/ha-2600-pessoas-querem-viver-trabalhar-vila-nomada-madeira-1948163>.

EDP Energias de Portugal. **Foz Tua: quando a relação com o rio muda**. último acesso em dezembro de 2023, <https://www.edp.com/pt-pt/historias-edp/foz-tua-quando-a-relacao-com-o-rio-muda>.

GUERREIRO, Pedro. **O que é a cidade dos 15 minutos e porque assusta tanta gente?**. último acesso em dezembro de 2023, <https://www.publico.pt/2023/03/02/newsletter/foco>.

Notícias do dia. **Percursos pedestres no Tua**. RTP ARQUIVOS, 20 de março de 2017. último acesso em dezembro de 2023, <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/percursos-pedestres-no-tua/>.

TELEJORNAL. **Protestos contra a suspensão da Linha do Tua**. 18 de dezembro de 1991. último acesso em dezembro de 2023, <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/protestos-contr-a-suspensao-da-linha-do-tua/>.

VIANNA, Carla. **Todos querem ser nómadas digitais. Eis como o fazer de forma ética**. último acesso em dezembro de 2023, https://www.publico.pt/2023/05/31/p3/noticia/querem-nomadas-digitais-eis-forma-etica-2051696?utm_source=notifications&utm_medium=web&utm_campaign=2051696.

índice e créditos de imagem

- [1] *São Lourenço, entre paisagem e natureza, destruição e desertão, urbano e rural, agosto de 2023.* Fotografia tirada pela autora.
- [2] *Leif Estrada, Urbanization of Amazon. Urban Theory Lab Resarch, Representação das redes de mobilidade aérea, 2014.* <https://www.leif-estrada.com/urban-theory-lab>.
- [3] *Leif Estrada, Urbanization of Amazon. Urban Theory Lab Resarch, Representação das redes de mobilidade digitais e virtuais, 2014.* <https://www.leif-estrada.com/urban-theory-lab>.
- [4] *quando, por entre as curvas, se avista São Lourenço, julho de 2022.* Fotografia tirada pela autora.
- [5] *descida do Pombal a São Lourenço, fevereiro de 2023.* Fotografia tirada pela autora.
- [6] *antiga Linha de Comboio do Tua; enquadramento de Carrazeda de Ansiães em Portugal, na Zona Norte; enquadramento territorial de São Lourenço no concelho de Carrazeda de Ansiães.* Mapa produzido pela autora, com base em documentos disponíveis no site da câmara municipal de Carrazeda de Ansiães <https://www.cm-carrazedadeansiaes.pt>.
- [7] *Vale do rio Tua, a partir de São Lourenço, a montante, agosto de 2023.* Fotografia tirada com drone, por António Chaves.
- [8] *Vale do rio Tua, a partir de São Lourenço, a jusante, agosto de 2023.* Fotografia tirada com drone, por António Chaves.
- [9] *vista aérea da aldeia de São Lourenço, agosto de 2023.* Fotografia tirada com drone, por António Chaves.
- [10] *estação de São Lourenço, inserida entre o vale e o rio, julho de 2022.* Fotografia tirada pela autora.
- [11] *túnel das Presas talhado nas rochas da íngreme encosta, março de 2016.* Fotografia tirada por João Taveira.
- [12] *aldeia de São Lourenço vista por quem sobe desde o rio, novembro de 2022.* Fotomontagem produzida pela autora.
- [13] *antigo caminho da linha de comboio a submergir no rio, novembro de 2022.* Fotografia tirada pela autora.
- [14] *aldeia de São Lourenço vista à chegada, novembro de 2022.* Fotografia tirada pela autora.
- [15] *aldeia de São Lourenço, vista para a paisagem, julho de 2022.* Fotografia tirada pela autora.
- [16] *pela Linha do Tua, a barragem ao fundo, ainda em construção, março de 2016.* Fotografia tirada por João Taveira. Fotografia tirada pela autora.
- [17] *nível da água antes da barragem esta em funcionamento, março de 2016.* Fotografia tirada pela autora.
- [18] *nível da água depois da barragem esta em funcionamento, agosto de 2023.* Fotografia tirada pela autora.
- [19] *vista para São Lourenço antes da barragem estar em funcionamento.* Estudo histórico e etnológico do Vale do Tua: aproveitamento hidroelétrico de Foz Tua (2017).

- [20] *vista para São Lourenço depois da barragem estar em funcionamento, julho de 2022*. Fotografia tirada pela autora.
- [21] *vista panorâmica a partir da outra margem do rio, agosto de 2023*. Fotografias tiradas com drone, por António Chaves; fotomontagem produzida pela autora.
- [22] *vistas de São Lourenço, novembro de 2022*. Fotografia tirada pela autora.
- [23] *vistas de São Lourenço, fevereiro de 2023*. Fotografia tirada pela autora.
- [24] *vistas de São Lourenço, fevereiro de 2023*. Fotografia tirada pela autora.
- [25] *Liliana Porter, Forty Years IIB, 1973*. <https://lilianaporter.com>.
- [26] *Interior de uma casa em São Lourenço, novembro de 2022*. Fotografia tirada pela autora.
- [27] *Christo e Jeanne Claude, The Umbrellas, Japan-USA, 1984-1991*. <https://christojeanneclaude.net/artworks/the-umbrellas/>.
- [28] *antiga entrada de casa em São Lourenço, novembro de 2022*. Fotografia tirada pela autora.
- [29] *Ebenzer Howard, Garden City*. <https://www.re-thinkingthefuture.com/rtf-architectural-reviews/a7864-article-in-focus-garden-city-by-sir-ebenezer-howard/>.
- [30] *Satellite Towns Round London, 1920*. <https://www.wgc100.org>.
- [31] *Guy Debord e Asger Jorn, The Naked City, 1957*.
- [32] *Patrick Geddes, A Seção do Vale, 1923. Correspondências entre cidade-campo*. <https://medium.com/spaceengagers/space-engagers-bringing-patrick-geddes-ideas-on-civic-engagement-into-the-21st-century-bca520e39c89>.
- [33] *Ambrogio Lorenzetti, Os efeitos do bom e mau governo sobre a cidade e o campo, 1290-1348*. Centro bibliotecário para a Investigação de Coleções da Universidade de Edimburgo, “Patrick Geddes Collection, Volume I, A1.13. <https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Ambrogio-Lorenzetti/1022013/Os-efeitos-do-bom-e-mau-governo-sobre-a-cidade-e-o-campo.-Os-detalhes-da-cidade.-Fresco-por-Ambrogio-Lorenzetti-%281290-1348%29.html>.
- [34] *entrada de uma casa em ruína, julho de 2022*. Fotografia tirada pela autora.
- [35] *Estrutura Policêntrica da Região Toscana como invariante estrutural, Piano paesaggistico della Regione Toscana*. Alberto Magnaghi, *A Biorregião Urbana: pequeno tratado sobre o território, bem comum* (2017), p.143.
- [36] *A identidade das paisagens da Apúlia (Puglia), Piano Paesaggistico Territoriale, coord. Alberto Magnaghi, 2010*. Alberto Magnaghi, *A Biorregião Urbana: pequeno tratado sobre o território, bem comum* (2017), p.113.
- [37] *Península Ibérica, redes de mobilidade físicas e virtuais*. Mapa produzido pela autora, com base no programa nacional para a coesão territorial – o interior em números – território.
- [38] *principais acessos a Carrazeda de Ansiães, com tempos médios de deslocação*. Mapa produzido pela autora, com base em documentos disponíveis no site da câmara municipal de Carrazeda de Ansiães <https://www.cm-carrazedadeansiaes.pt>.

[39] *vias de Mobilidade Automóvel no concelho de Carrazeda de Ansiães*. Mapa produzido pela autora, com base em documentos disponíveis no site da câmara municipal de Carrazeda de Ansiães <https://www.cm-carrazedadeansiaes.pt>.

[40] Caspar Wolf, Dalaschlucht.

[41] *Aldo van Eyck, The Otterlo Circles, 1959*. https://www.researchgate.net/figure/Aldo-van-Eyck-Otterlo-Circles-Diagram-1959-Aldo-van-Eyck-Writings-Francis-Strauven_fig1_304996602.

a Cidade sem Limites
São Lourenço como laboratório para um
pensamento crítico sobre o Território

Ana Chaves

FACULDADE DE ARQUITETURA

